O ARAUTO

da SANTIDADE

JULHO, 1989

—EUGENE L. STOWE
Superintendente Geral

"O Espírito Santo une onde Satanás divide".

Diferenças e divisões

Jesus foi o primeiro a referir-se a esta verdade quando orou por Seus discípulos—do século primeiro e também do século vinte—por eles e por nós. Orou—"Santifica-os" (João 17:17). Porquê? Primeiro, para que se pudessem conservar limpos num mundo contaminado—"livres do mal" (João 17:15). Mas, a segunda provisão de Sua santificação é igualmente clara e importante—"para que todos sejam um" (João 17:21). *Corações santos produzem unidade santa.* Tanto os discípulos desse tempo como os do nosso têm tido as suas diferenças. Não vêem da mesma forma todas as coisas. O apóstolo Paulo é um exemplo disso. Era um homem santificado. Amava os seus irmãos cristãos. Barnabé era um bom amigo. Durante grande parte do tempo tudo foi maravilhoso. Mas numa ocasião mostraram a sua humanidade. O jovem João Marcos foi o "pomo de discórdia". Barnabé queria levá-lo consigo na viagem missionária. Paulo discordou. Actos 15:39 relata: "Tal contenda houve entre eles que se apartaram um do outro". Mas esta diferença de opinião não desfez o companheirismo entre estes discípulos. Mais tarde João Marcos revelou-se útil, tornando-se companheiro fiel de Paulo quando este estava na prisão.

Existe um mundo de diferença entre tal desentendimento e uma divisão. Paulo di-lo claramente aos cristãos de Corinto. O capítulo terceiro de I Coríntios tem este título: "O espírito mundano causa dissensões nas igrejas". Descreve os cristãos como mundanos ou carnais, não espirituais. Havia entre eles inveja e dissensões. Além de outras coisas, estavam divididos na sua preferência de pregadores. Uns queriam Paulo e outros Apolo. Esta atitude mundana tinha destruído o seu companheirismo.

A triste consequência da divisão foi o trágico dela num mundo que os observava. Jesus continuou a Sua oração em João 17: "Que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim" (v. 23). Jesus queria que os Seus discípulos fossem exemplo do amor divino, evidenciado na unidade com Ele e uns com os outros. Quando os pecadores vêem dissensões e divisão na igreja, ficam desiludidos e perguntam: "Onde está o amor de que eles tanto falam?" E os cristãos que buscam a santidade não estão imunes desta enfermidade. "Divisões de igrejas" dão-se em congregações que professam crer no amor perfeito. Campanhas organizadas para votar contra o pastor, na altura das eleições, acontecem mesmo em igrejas cuja teologia tem um nível elevado de perfeição cristã. Em Efésios 4:1-3, Paulo exorta a todos: "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros, em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". O Espírito Santificador une onde Satanás divide.

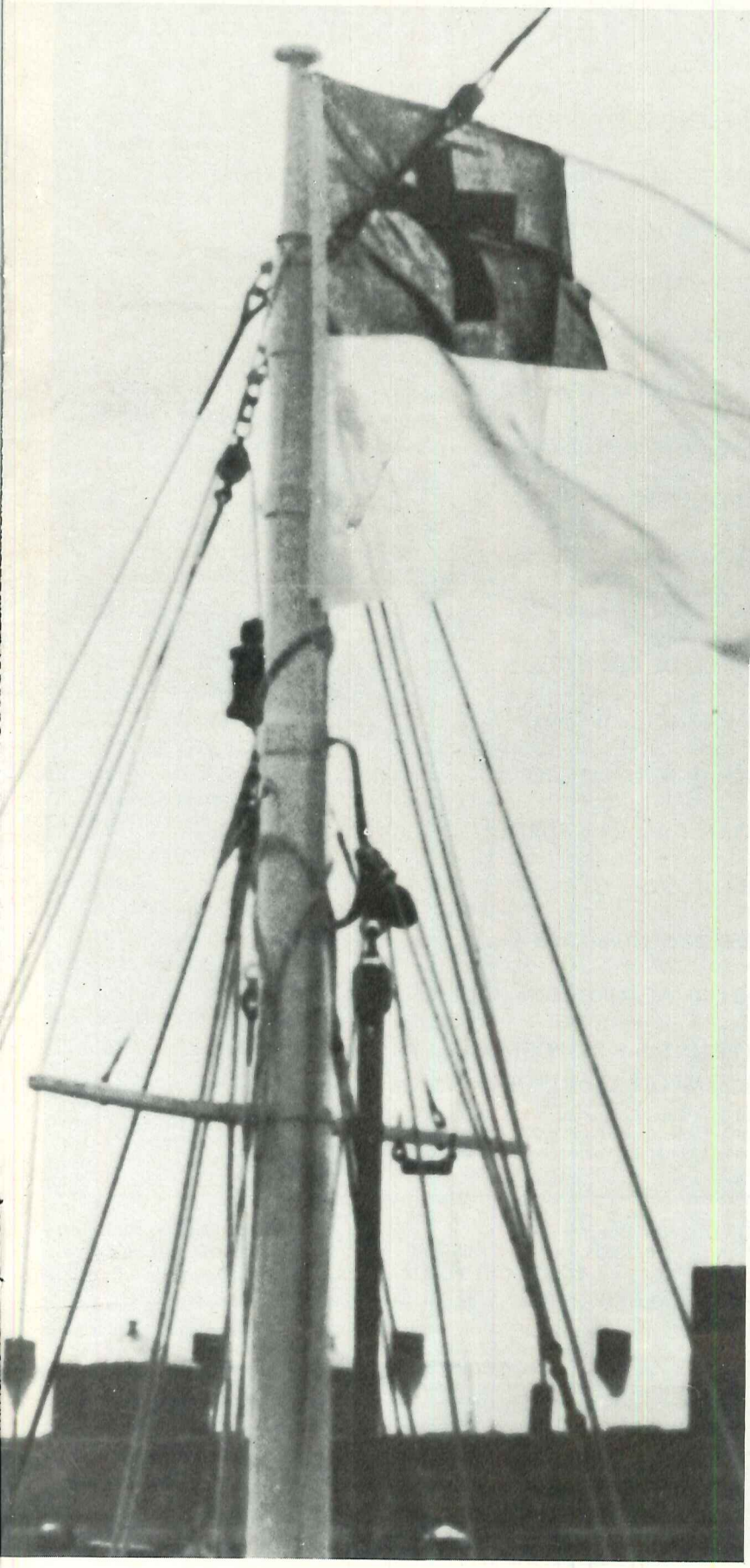
Um superintendente de distrito relatou recentemente um milagre de tal restauração. Tinha-se reunido com uma junta da igreja para começar o processo da chamada dum pastor. O anterior tinha sido forçado a renunciar. Era evidente a divisão entre os membros da junta. No decorrer da reunião foram proferidas palavras descorteses. O superintendente estava desiludido. "Pensei que esta era uma igreja de santidade", disse. "Será esta uma demonstração do amor cristão? Poderá Deus abençoar uma igreja cujos líderes mostram tais atitudes mundanas?" Repentinamente sentiram outra Presença na sala. Os membros da junta ajoelharam. Choraram. Confessaram publicamente seus pecados, em oração. Homens fortes abraçaram outros de quem se tinham afastado e pediram perdão.

Em poucos minutos uma unidade santa dominava a dissensão e a divisão que tinham provocado tanto dano. Dentro de algumas horas toda a igreja ouvia as boas novas. Em breve a comunidade se dará conta da mudança drástica.

Diferenças? Sim.

Divisões? Não.

"Para que o mundo creia..." (João 17:21). □



—T. W. SCHOFIELD
Director Regional de Euro-Ásia

PORTUGAL —Numa Europa Unida para Cristo

País limitado pelo Oceano Atlântico e por Espanha—Portugal, apesar de pequeno tem uma história e crónica que brilham através dos séculos. Tem havido, por vezes, ocasiões em que o sol político fica encoberto e obscurecido, mas o esplendor da Nação tem sempre iluminado as trevas.

Há séculos que de suas costas marítimas, navegadores intrépidos iniciaram os descobrimentos e traçaram cartas geográficas do mundo. Os seus barcos eram pequenos, mas os corações e coragem eram grandes; e a bandeira portuguesa flutuou heroicamente na Ásia, América e África.

O Reino Unido (Grã Bretanha), sendo há tanto tempo uma nação marítima e construtora dum império, continua a considerar Portugal como o seu aliado mais antigo.

Tem havido mudanças subtis e de longo alcance no decorrer dos séculos e quase todas as novas descobertas geográficas se relacionam com o "espaço", o que, necessariamente, faz que este seja o domínio das superpotências. No entanto, a humanidade enfrenta hoje um novo alvo de maiores e mais

importantes proporções, o qual envolve a regeneração espiritual e a redenção. O apelo ansioso por ajuda e orientação é ouvido tanto nas sociedades sofisticadas da Europa Ocidental como nas áreas do terceiro mundo do Médio Oriente e da Índia.

Enquanto escrevo estas palavras no centro da capital dum sub-continente a fervilhar—Índia, o clamor do pobre e do necessitado, do desamparado e do desesperado ecoa pelos guetos e sob pontes de estradas. À frente daqueles que procuram responder ao seu clamor encontra-se a Igreja do Nazareno.

Internacional na sua esfera de acção, intrépida na sua fé e consagrada ao seu compromisso, a Igreja de Portugal e a dos Açores estendem ao Oriente mãos amorosas, na presente geração.

Portugal foi recentemente admitido na comunidade europeia—talvez uma entrada tardia—e faz parte integrante da comunidade nazarena em expansão. Em contraste com a entrada tardia na C.E.E., Portugal acha-se na vanguarda quanto a crescimento e evangelismo. O índice anual de crescimento anual de dez por cento na membresia da igreja é um facto assente e a luz desta nova igreja em desenvolvimento fortalece o farol de esperança e fé duma Europa que desperta. Portugal e Açores são parte indispensável do nosso programa e estamos orgulhosos (no verdadeiro sentido da palavra) do seu campanheirismo.

O trabalho na Península Ibérica é novo, mas o seu crescimento e visão contagiam e entusiasmam.

Queremos alcançar outros e apresentar-lhes a nossa mensagem de Jesus Cristo, Crucificado, Ressurrecto e Senhor, como a única esperança para o século XXI. □

O ARAUTO da SANTIDADE

Volume XVIII—Número 7 Julho, 1989

NESTE NÚMERO

DIFERENÇAS E DIVISÕES 2
Eugene L. Stowe, Super. Geral

PORTUGAL—NUMA EUROPA UNIDA PARA CRISTO 3
T. W. Schofield

BEM-VINDO A PORTUGAL NAZARENO/89 5
Gabriel do Rosário

IGREJA MILAGRE 7
António Simões

PANORAMA ENCORAJADOR 8
Manuela C. de Barros

NÃO FOI POR ACASO 9
Ricardo Isodro

MÃE DE MUITAS FILHAS 10
Maria M. Vera-Cruz

A PONTE SOBRE O TEJO 11
Acácio Pereira

DÁ-NOS ESTE MONTE 13
David W. Runyan

SEU ESPÍRITO 14
Duane Srader

A J.N.I. DE PORTUGAL 15
Natanael Duarte

FÉ ESSENCIAL (Poema) 16
Isolda Lopes

OLHAR PARA O ALTO 17
Russell de Long

PORTUGAL: QUE EUROPA? 18
Herlânder Felizardo

TRADIÇÕES 21
Eudo T. de Almeida

NEBLINA ECLESIÁSTICA 23
John W. Hall

INFORMAÇÃO VÁLIDA (P. Devocional) 25
Manuela C. de Barros

PERGUNTAS E RESPOSTAS 26

O CAMPO É O MUNDO 27

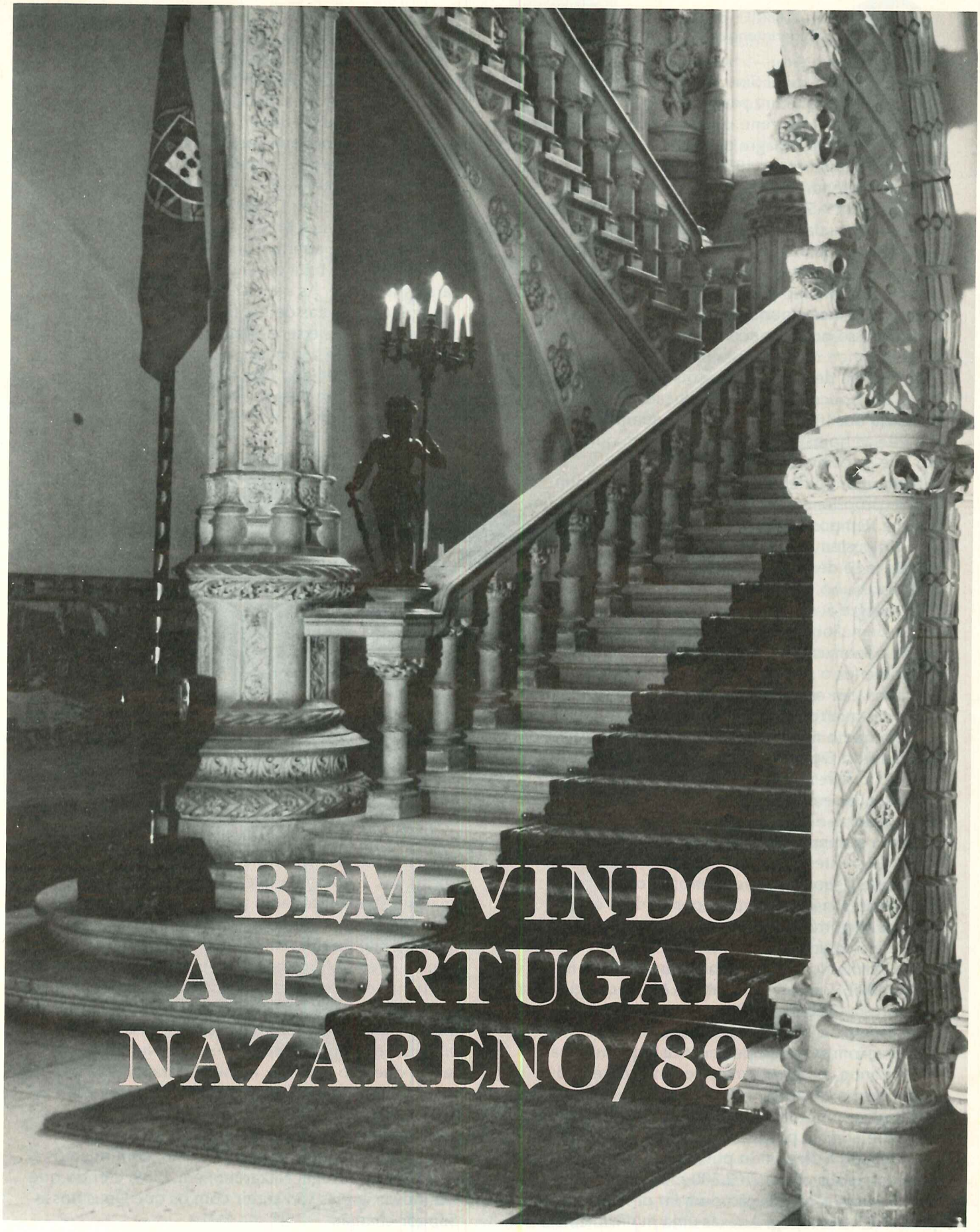
FOTOS: Capa, Contracapa, p. 5, 8, 11, 18, 19 —H. Novaes; p. 3—Religious News Service; p.10 —Fotografia Portugal; p. 27—J. Lima. Capa: Avenida da Liberdade e Restauradores, Lisboa; Contracapa: Ponte sobre o Rio Tejo, Lisboa

BENNETT DUDNEY, Director Geral **ACÁCIO PEREIRA,** Redactor
MANUELA C. DE BARROS, Directora Editorial **ROLAND MILLER,** Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

"O ARAUTO DA SANTIDADE", *USPS 393-310,* é publicado mensalmente por **Publicações Internacionais** e impresso pela **Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, E.U.A.** Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, E.U.A. Direitos reservados (1989) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

"O ARAUTO DA SANTIDADE", *USPS 393-310,* is published monthly by **Publications International,** printed at the **Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109.** Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Copyright (1989) by Nazarene Publishing House. *Postmaster:* Please send Change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. *Subscription price:* US$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, U.S.A.


BEM-VINDO
A PORTUGAL
NAZARENO/89

—GABRIEL DO ROSÁRIO
Superintendente Distrital

Sim! Sinta-se em casa! Aqui é mais que um país da C.E.E. É Portugal Nazareno. Siga-me que lhe mostrarei o Milagre que nos aconteceu.

Foi em Setembro de 1973 que as sementes caíram e os cultos se formalizaram aqui mesmo na Rua Castilho, 209—5º E. Lisboa. Pouco espaço para 40 pessoas, vinte das quais ja viviam em Portugal há algum tempo. É um escritório velho, com apenas dois quartos mas tem chegado para as encomendas. Com o crescimento já nos sentimos amolgados contra as velhas e perfuradas portas e janelas, mas nem por isso nos esquecemos das bênçãos aqui recebidas.

A 1ª Igreja de Lisboa começou a 13 de Janeiro de 1974, um pouco antes da Revolução. As instalações da Igreja dos Irmãos foram-nos gentilmente cedidas durante as horas vagas. Tenho por mim que a altura em que se começou foi mesmo óptima.

Pouco tempo depois instalou-se a igreja num prédio próprio, anteriormente desenhado para um cinema. Tempos das vacas gordas. É hoje uma igreja de auto-sustento pastoreada por um casal leigo.

Dela já se desprenderam cinco outras: Almada, Barreiro, Linhó, Queluz e Póvoa de Santa Iria.

O Milagre aconteceu mas não sabemos explicá-lo muito bem. Foi Deus. Cada grupo de oito a dez pessoas formaram a base dessas novas igrejas. Deus chegou e fez o resto. Ora em caves ou rés-do-chão alugados, ora em garagens transformadas ou mesmo em casas que tomaram novos contornos.

Acho que o nosso segredo é a resposta do povo ao apelo do Espírito. Em boa verdade muito se tem feito ao ar livre, quer em cultos, em parques e jardins, quer em publicidade sonora, fitas anunciadoras e três emissões gratuitas na televisão. Também se tem investido em estudos bíblicos em casas de crentes, etc.

Mas, se Lisboa e zonas limítrofes foram abençoadas, não o foram menos as duas outras cidades importantes. Coimbra começou em 1976 com meia dúzia de irmãos de Moçambique e de Cabo Verde. No mesmo ano organizariam a igreja, a 11 de Abril, com nove membros. No ano seguinte a membresia chegaria a 23 membros para ser de novo duplicada para 45 e, assim, sucessivamente.

A oração incessante perseverou e quando, há quatro anos, atingiu-se mais de uma centena de membros na 1ª Igreja, a 2ª foi iniciada e já chegou aos trinta membros, com uma boa Escola Dominical central e edifício próprio.

Imaginem a alegria do povo. Uma senhora desta pequena igreja ofereceu 2.500 metros quadrados de terreno para a construção dum lar de 120 camas para a terceira idade. Anexas uma miniclínica e moradia pastoral. Não será senão outro milagre se surgir nessa localidade uma terceira igreja, virada para a assistência aos mais idosos mas igualmente para o bairro social. Ajudem-nos a converter os nossos sonhos em realidade.

Porto, a capital do Império Norte, já tem duas igrejas. A primeira deve chegar ao auto-sustento no domingo de Ramos. A segunda ainda é bebé e alimenta-se pelo biberão. Oremos por todas elas e pelo missionário Rev. David Runyan.

Mais ao norte fica Braga—a Roma Portuguesa. Já há ali uma porta aberta. Já realizámos o primeiro estudo bíblico. Muita esperança está posta em Deus para essa cidade. As necessidades são muitas.

A Igreja de Portas de Benfica funciona em duas garagens gémeas e será organizada em breve. Ainda não há casa para a família pastoral. Deus proverá. Mas o povo já chegou e as crianças já encheram o espaço para trinta pessoas. Na semana passada reunimo-nos num clube desportivo e dez pessoas pediram esclarecimentos na fé. Aleluia!

Que direi de Elvas a 300 quilómetros de Lisboa e a 12 de Espanha, andando para S.E.? Podemos afirmar que a igreja cresce bem; constituiu novos pontos de pregação e procuramos local para instalação da família pastoral.

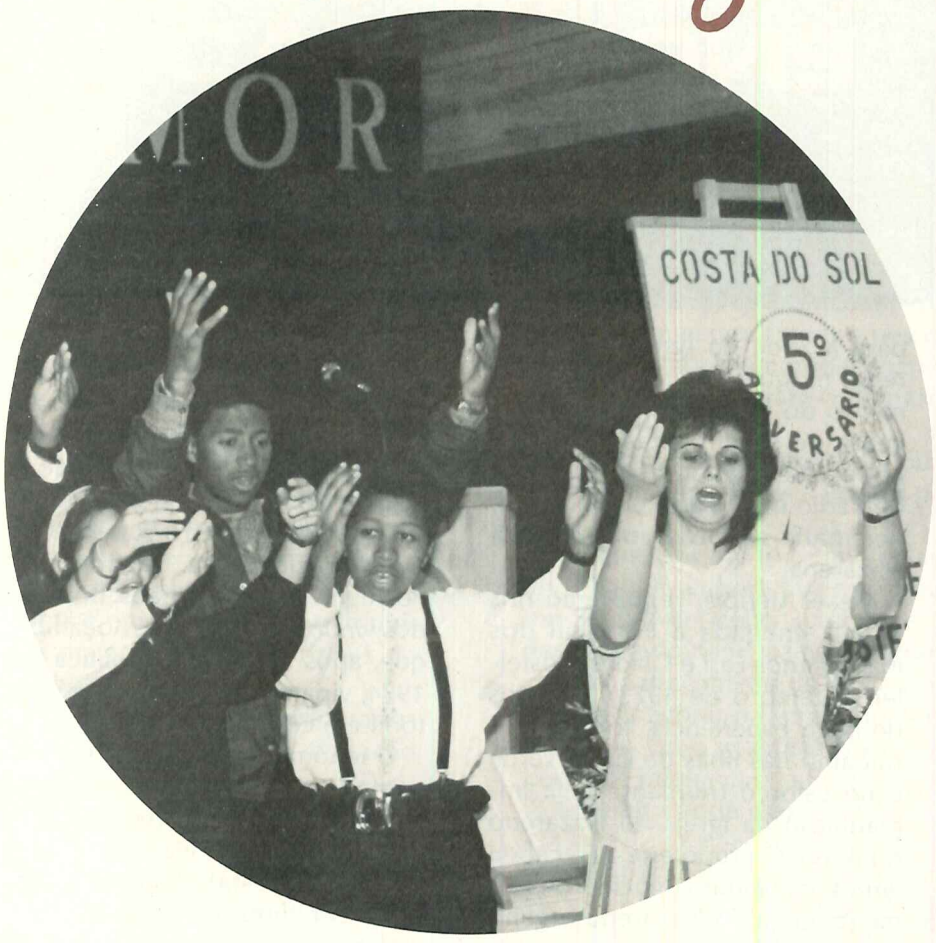
Algarve quase que nos leva à terra do Verão, com o seu clima mediterrânico, próprio para férias. Mas queremos chegar lá com *tendas.* Quem as oferece? Uma dúzia delas garantem-nos seis meses de evangelismo e acomodações. Pré-fabricadas também servem; transportes em segunda mão ajudam; vozes, mãos, gestos, palavras, cartas e cheques são bem-vindos! Deus usa tudo. Nessa zona os preços são incomportáveis e o custo de vida o mais elevado do país. Mas se Deus manda, porque não ir? Estamos a orar neste sentido e todo o esforço será conjugado para alcançarmos não o possível apenas, mas o que Deus quer. Venha trabalhar conosco. Experimente a bênção e seja também uma bênção.

Duas palavras mais e ofereço-lhe um bom café português. É dizer-lhe que temos dois anos para criar infra-estruturas aqui antes que a Comunidade Europeia comece a entrar livremente com tudo o que isto implica. Devemos estar preparados para termos igrejas bilingues, um mensário oficial, uma pequena secção gráfica que funcione, um local de treinamento por extensão, um lar já preparado, um local para acampamentos de jovens, casais e crianças, ou centro de conferências. Numa palavra: tectos que não chovam, mãos que trabalhem, pés que levem o Evangelho e corações que anunciem as boas novas. Pode cooperar conosco? Veja o nosso endereço ou dirija-se à Sede da Igreja.

Para que o mundo conheça Cristo, continuamos a construir o Portugal Nazareno, em 1989, crendo que três novas igrejas vão surgir com os que Deus nosso Senhor chamar. □

—ANTÓNIO SIMÕES

Igreja Milagre



Depois de algum tempo com cultos em casa particular, conseguiu-se em 1983 um espaço próprio para adoração a Deus. Foi assim coroado o esforço de fidelidade e oração de alguns crentes, aliado ao empenho do superintendente distrital numa possível compra desse local—uma cave. Alguns biombos dividiam-na a meio.

Dois anos mais tarde o grupo triplicava em membresia e assistência. Projecta-se então dividir a cave em santuário, salão para jovens, juniores, crianças e escritório pastoral. A igreja continua a crescer e estruturam-se os departamentos. Há dinâmica e harmonia geral. Surge o batistério atrás da plataforma, fruto do esforço dos membros responsáveis da igreja; inaugurado a seguir com batismos.

A visão ensinada, vivida e pregada é compartilhada por todos. Deus visita a igreja e esta amadurece na fé e em responsabilidade. O programa de auto-sustento surge como um passo de fé ao desafio lançado. Oito meses depois, a Igreja Milagre torna-se auto-sustentada.

A fotografia aqui apresentada é de uma reunião oficialmente convocada, gravada em video, onde se vêem cerca de oitenta pessoas de mãos levantadas assumindo o compromisso de fidelidade a Deus e à Sua obra. Quatro meses depois o ânimo é igual e a igreja continua a prosperar em membresia, recursos e cumprimento dos votos feitos. Como aconteceu? Só pode haver uma resposta: Milagre.

A estratégia foi a mais simples! Primeiro Deus, depois Deus e sempre Deus. Houve dedicação e trabalho com um único propósito: fazer progredir a igreja para glória de Deus. Fidelidade no dever, ênfase ao que é importante no ministério, pregar, visitar, ensinar, aconselhar, organizar e cuidar do povo de Deus como sendo a comunidade mais importante da Terra—a família de Deus.

O Senhor faz milagres e recompensa o zelo, a dedicação e a persistência. É Ele quem edifica a Sua Igreja. □

PHH form 2 TWTB

PANORAMA ENCORAJADOR

—MANUELA CHANTRE DE BARROS

Quando passámos por Lisboa em Janeiro de 1973, surpreendeu-nos um grupo de nazarenos, a maior parte de Cabo Verde, que se reunia semanalmente em casas particulares, dizimava e dava ofertas missionárias. Tivemos o privilégio de nos reunir com ele. Era seu líder o pastor João Filipe Gonçalves, então estudante na Faculdade de Direito.

O evento impressionou-nos vivamente. Admirámos a tenacidade e o entusiasmo daqueles irmãos por tantos anos privados de afiliação oficial a um grupo ou denominação. Não tinham sequer um nome para a sua "igreja", mas isso parecia influenciar pouco a sua dedicação ao Deus de todas as fronteiras.

A sua lealdade para com as raízes nazarenas era bem visível no formato, espírito e conteúdo da reunião. E culminou-se com um pedido feito a meu marido: que ele fosse portador duma carta para a Sede da Igreja do Nazareno, na qual pediam reconhecimento do trabalho e o envio urgente de obreiros; também, que entregasse à então Liga Nazarena de Rádio uma oferta em dinheiro, destinada ao programa A Hora Nazarena.

Meses depois, regozijamo-nos com a chegada a Portugal dos missionários Earl e Gladys Mosteller (Setembro de 1973), obreiros de larga experiência, forjados no trabalho nas Ilhas de Cabo Verde e no esforço triunfante pela implantação da Igreja do Nazareno no Brasil. O grupo que os recebeu viria a constituir o núcleo da primeira Igreja do Nazareno organizada em Lisboa. Mas só os registos de Deus poderão anotar devidamente o suor e os sacrifícios exigidos para que se efectuasse uma transição de vulto: do pioneirismo romântico, ambulante e pouco estruturado, à oficialização da Igreja no País em 6 de Janeiro de 1976, satisfeitas todas as exigências legais. Dois obreiros também experimentados testemunharam e participaram activamente nesta fase: Os Reverendos José S. Delgado e Gabriel do Rosário. Este, em 1987, viria a ser o primeiro superintendente nacional do trabalho em Portugal. Outros irmãos dedicados vindos de Angola e Moçambique, após a comoção política de 1974, viriam reforçar a classe pastoral e o corpo de fiéis.

O fenómeno de emigrantes, retornados ou refugiados que se apegam à sua fé em paragens remotas, conservam vivas as raízes e lutam pelo estabelecimento da igreja em outras terras não é coisa estranha ou nova. Parece estampada nas células de cada crente. Devo chamá-la genética? Qualquer que seja o rótulo, ele traduzirá sempre o espírito generoso, leal e dedicado que caracteriza o seguidor de Cristo em todas as eras e latitudes.

Neste número de O ARAUTO DA SANTIDADE, o presente director do trabalho em terras lusitanas, o Rev. Duane Srader, ecoa sentimento igual: o crescimento da obra deve-se ao Espírito--o de Deus, que inspira e capacita; também o de líderes e membros que, diferindo ocasionalmente em métodos e opiniões, se mantêm unidos no zelo de atingir o País do Minho ao Algarve.

Em trabalhos considerados pioneiros, há sempre a tentação de nos deixarmos impressionar pela vastidão do território ainda a ser coberto ou pela exiguidade de recursos, falta de obreiros ou preparação deficiente deste ou daquele. Entretanto, olhar para a ceifa já feita e cada centímetro de terreno conquistado, tem um efeito de valor incalculável: diz que vamos no rumo certo e temos Comandante seguro. Graças a Deus por Seu trabalho em Portugal. □

—RICARDO ISIDRO

Entrei, sentei-me e assisti... deslumbrado.

A nossa vida é marcada por diversos acontecimentos, ora tristes ora alegres. Assim, vamos sofrendo desgaste não só físico mas também espiritual.

Porém, existe algo que nos faz mudar repentinamente, inclusive alguns hábitos...

No nosso interior surge um outro eu. Dá-se uma transformação total, resultante de acontecimento inesperado. Ela, contudo, não sucede a todos os mortais. Caso contrário seria o Paraíso na Terra!

Sucedeu comigo. Permitam-me explicar como foi. Antes, porém, devo esclarecer que sempre me considerei cristão, que até aos vinte anos assisti a uma igreja católica e que a abandonei para me dedicar à vida artística. Os anos passaram e hoje, com a idade de sessenta e nove, encontro-me na situação de reformado.

Vivo em Mercês há vinte e cinco anos, um cantinho do concelho de Sintra. Depois de reformado, passeio na companhia do meu cão, amigo fiel.

Há um ano, aproximadamente, que num dos meus passeios habituais verifiquei que algumas pessoas procediam a obras de transformação num estabelecimento fechado da minha rua. Mas nunca me passou pela mente que se tratava do nascimento duma Casa de Deus, a Igreja do Nazareno.

Só o vim a descobrir três ou quatro dias depois, na inauguração, quando me aproximei da porta para ouvir melhor cânticos maravilhosos.

Fiquei por muito tempo extasiado; e, como se acordasse dum sonho, vi uma senhora que me convidou a entrar. Era a esposa do pastor Jon Scott. Não resisti ao convite. Entrei, sentei-me e assisti até ao fim, deslumbrado com vozes tão agradáveis e testemunhos tão belos.

O conhecimento da Bíblia era um desejo meu de há muitos anos. E ali estava agora, na Igreja do Nazareno, o esclarecimento que tanto almejava. Foi a resposta de Deus às minhas orações colocando em frente da minha casa a Sua Igreja. Isto não foi por acaso!...

Quanto pode o amor de Jesus Cristo! □

NÃO FOI POR ACASO

Primeira Assembleia da Igreja do Nazareno em Portugal, reunida no templo de Lisboa, em Março de 1976.

Mãe de Muitas Filhas

—MARIA MANUELA VERA-CRUZ

É inspirador lermos o livro dos Actos dos Apóstolos e seguirmos passo a passo as viagens missionárias. Sentimo-nos entusiasmados e motivados a pormo-nos a caminho e percorrermos com os apóstolos todos aqueles lugares por onde passaram e deixaram ficar a preciosa semente do Evangelho. Ela cresceu e deu origem às igrejas primitivas.

Se há igrejas que nascem em comunidades onde não existia um único crente, mas onde foi feito um grande esforço evangelístico inicial, a verdade é que a maior parte das igrejas se formam através de núcleos de crentes vindos deste ou daquele lugar. Desejosos de conservar viva a sua fé e a doutrina em que foram iniciados, congregam-se para manter acesa a chama que os anima.

Foi assim que nasceu a Igreja de Lisboa. Os crentes da Igreja do Nazareno, residentes nos diversos bairros da cidade e na outra margem do rio, deslocavam-se para se encontrarem na casa de um deles para ali terem o seu tempo de devoção. Aos domingos, geralmente, juntavam-se à congregação de outra denominação que ficasse mais próxima da sua residência. Repetia-se o que acontecera nos primórdios da Igreja do Nazareno e que, de certo modo, periodicamente tinha acontecido em Lisboa. Fora assim nos anos sessenta e início de setenta, antes da Revolução de Abril que fez virar uma página na história dos cristãos evangélicos em Portugal.

Nos anos que se seguiram a 1975, deu-se o grande regresso das ex-colónias. Nesta vaga de pessoas que retornam a Portugal, vêm incluídas algumas que sofreram uma profunda transformação: trazem corações novos, uma tremenda vontade de servir ao Senhor e... são membros da Igreja do Nazareno.

A sua primeira preocupação é procurar um outro irmão nazareno; e o grande amor do Senhor que os une, congrega-os. Forma-se então a primeira Igreja do Nazareno em Portugal—a Igreja de Lisboa.

Tal como nos tempos da Igreja Primitiva o Senhor vai acrescentando à igreja aqueles que haviam sido salvos (nas terras de além-mar) e os que, tendo permanecido no País, iam agora ouvindo e conhecendo a doutrina da Igreja do Nazareno.

Aos domingos de manhã acorrem de todos os lados para o culto de adoração na Igreja de Lisboa que vai ganhando maturidade e consciência de que se aproxima a hora de dar à luz a primeira filha. Com dores de parto, mas com regozijo, deixa partir os crentes que habitam do outro lado do rio e nasce a Igreja de Almada. Muitos ficam tristes com a separação e o vazio da ausência faz-se sentir. Mas que alegria saber que, embora distantes, estão unidos por laços bem fortes atados pelo Senhor.

Pouco depois nasce a Igreja da Costa do Sol, na margem de cá do Tejo e quase junto à foz.

O espírito missionário da Igreja de Lisboa não morre e surge outra igreja desta vez formada por crentes oriundos de Lisboa e de Almada—é a Igreja do Barreiro.

Os anos passam e em pontos quase diametralmente opostos nascem mais duas filhas que, desta vez, se chamam Linhó e Póvoa de Santa Iria.

A família continua a crescer quando os crentes residentes em Queluz se organizam, concretizando assim um dos seus mais queridos anseios.

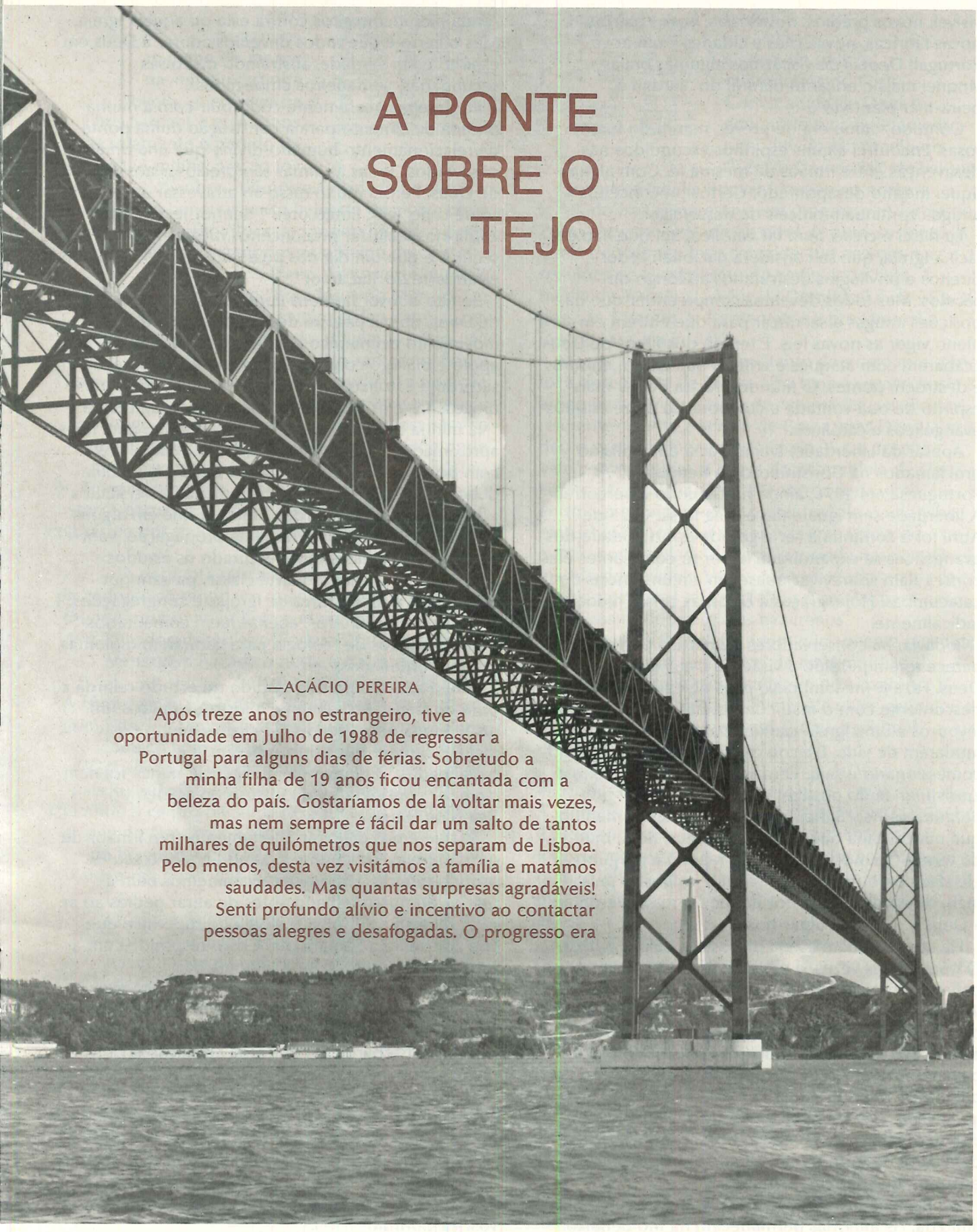
Mais recentemente transfere para mais longe três dos seus membros e deste modo contribui para a organização da Igreja de Elvas.

Tem sido assim na Igreja de Lisboa: divide-se para crescer; e cresce para servir.

Oramos para que o espírito de missões (domésticas ou no além-mar) que possuiu a Igreja do Nazareno no passado, se mantenha vivo nos crentes nazarenos de hoje e ajude as nossas igrejas a "crescerem e a multiplicarem-se" dando origem a muitas outras.

Ser igreja-mãe é uma bênção. Ver igrejas-filhas crescerem é bênção e privilégio! □

A PONTE SOBRE O TEJO



—ACÁCIO PEREIRA

Após treze anos no estrangeiro, tive a oportunidade em Julho de 1988 de regressar a Portugal para alguns dias de férias. Sobretudo a minha filha de 19 anos ficou encantada com a beleza do país. Gostaríamos de lá voltar mais vezes, mas nem sempre é fácil dar um salto de tantos milhares de quilómetros que nos separam de Lisboa. Pelo menos, desta vez visitámos a família e matámos saudades. Mas quantas surpresas agradáveis! Senti profundo alívio e incentivo ao contactar pessoas alegres e desafogadas. O progresso era

visível: novos prédios, novas ruas, novos bairros, novas fábricas, novas vilas e cidades—um novo Portugal! Depois de visitarmos algumas praias, vinquei mais o encanto natural do "Jardim à beira-mar plantado".

Contudo, como era de prever, nem tudo foram rosas. Encontrei alguns espinhos escondidos nas desavenças entre irmãos da mesma fé. Com alguns fiquei mesmo desapontado. Certos preconceitos antigos continuam difíceis de desarreigar.

Eu nasci e cresci num lar católico. Sei que não é fácil à Igreja, que se considera nacional, ceder direitos e privilégios desfrutados ao longo de séculos. Mas todos devemos compreender que há posições antigas a sacrificar para que entrem em pleno vigor as novas leis. É tempo dos filhos de Deus acabarem com ataques e críticas que cavam abismos e destroem pontes. O mundo precisa de ver mais espírito de boa vontade e colaboração entre cristãos evangélicos e católicos.

Apesar da Liberdade, Democracia e Pluralismo proclamados na Constituição da República Portuguesa em 1976, ainda há caminho a percorrer. A liberdade sem igualdade é uma farsa. O 25 de Abril foi e continua a ser a grande oportunidade dos evangélicos se expandirem. Recordo como antes eles conseguiam sobreviver quase em circunstâncias de catacumbas. Hoje, graças a Deus, as coisas mudaram radicalmente.

Todavia, há conservadores de parte a parte que parece terem perdido a visão de Deus ou o próprio Deus. Fazem-me lembrar o caso de certa mãe que, descontente com o mau comportamento dos filhos, levou-os a uma igreja católica para se confessarem e mudarem de vida. Deixou os dois meninos ao pé do confessionário e saiu. O mais velho foi o primeiro a aproximar-se do postigo. O sacerdote perguntou-lhe: "Sabes onde está Deus?" O menino, que nunca tinha ouvido falar de Deus, ficou mudo de terror. Quando o confessor repetiu a pergunta, ele saiu como um foguete, com o irmãozito pela mão, dizendo: "Vamo-nos daqui depressa. Perderam a Deus e querem culpar-nos".

Há sempre quem esteja disposto a culpar outros. O que, muitas vezes, é uma injustiça. Há conservadores que procedem como se as portas da liberdade continuassem totalmente fechadas. Espero que algum dia captem o propósito de Deus que enviou Seu Filho ao mundo para salvar "todos os pecadores". Vêm aqui a propósito as palavras do papa João Paulo II, dirigidas a líderes de diversas igrejas, no "Dia Mundial de Oração e Paz": "A liberdade religiosa, como elemento essencial da dignidade de todo o indivíduo, é a própria base da estrutura dos direitos humanos".

Em Portugal a liberdade religiosa parece continuar limitada. As minorias permanecem na mó debaixo. Ainda há preconceitos contra esta ou aquela igreja. Mas o certo é que todos devemos adorar a Deus em espírito e em verdade, abstraindo de coisas secundárias, verdadeiros empecilhos.

Eu desejo sinceramente contribuir com a minha pazada de cimento para a construção duma ponte de relacionamento humano-divino que una irmãos desavindos! Todas as almas são preciosas aos olhos de Deus. Pensei muito nisso ao atravessar a ponte sobre o rio Tejo. Então orei: " Senhor Jesus Cristo ajuda-nos a afastar preconceitos religiosos de séculos e que um dia nos possamos unir todos sob o estandarte do Teu amor".

Se não houver homens com o verdadeiro espírito de Deus, nunca passará de simples teoria o movimento ecuménico em Portugal. Há falta de apoio e diálogo construtivo. Porquê?, perguntei a um sacerdote católico, envolvido em várias actividades diocesanas e estudante da Universidade de Lisboa. "Na minha opinião", disse, "não há diálogo nem mais aproximação porque faltam pastores evangélicos com preparação académica. Não basta uma Bíblia debaixo do braço e recitar meia dúzia de versículos."

Infelizmente, mais tarde confirmei que em alguns casos era verdade. Na euforia da propagação, vários pastores evangélicos têm descurado os estudos. Alguns, com apenas a quarta classe, passam por reverendos e fundadores de igrejas e congregações independentes. Outros, apenas lêem comentários bíblicos e livros de teologia para ganharem diplomas e serem ordenados.

Será que o tempo despendido no estudo retarda a obra de Deus? Actualmente a instrução não é um luxo, é uma necessidade. Há curto-circuito no diálogo sempre que a incompetência gera banalidades. O cultivo da inteligência nunca foi nem deve ser considerado um intruso no avanço do Reino de Deus.

Se queremos dialogar abertamente com irmãos de outras igrejas, procuremos compreender o seu próprio mundo. Entretanto, examinemos bem a rigidez do nosso telhado antes de atirar pedras ao ar.

"À religião exterior, à teologia de superfície que Lhe apresenta a Samaritana, Cristo responde com a religião do espírito, com a teologia das profundidades divinas. Não é que Ele queira excluir o exterior, mas deseja que ele seja fundamentado no interior, tanto no campo religioso como no campo moral" (R. Bernard). O centro da adoração a Deus é o coração de cada indivíduo.

Quantos portugueses estaremos dispostos a colaborar na construção duma ponte espiritual que nos una a todos em Cristo? Deixemos de ser pedras de tropeço para passarmos a fazer parte dum templo de pedras vivas. "Ignorais, porventura, que sois templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?" (I Coríntios 3:17). □

"DÁ-NOS ESTE MONTE"

Ao chegarmos ao cume do monte na minha carrinha Toyota, o evangelista Chris Sargent e eu orámos secretamente o pedido de Caleb. A minha oração foi: "Senhor, dá-nos esta cidade fortificada; ajuda-nos a penetrar neste baluarte religioso; creio que, pelo Teu Espírito, este terreno histórico pode ser evangelizado e ganho para o Reino de Cristo; ó Deus, dá-nos este monte".

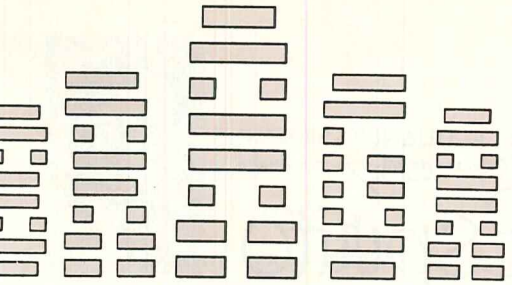
Estávamos a visitar o "Bom Jesus do Monte". Em cada curva e ao longo do caminho deparámos com símbolos da fé católica. Quando atingimos o topo da escadaria que dá para o santuário, fiquei impressionado com a riqueza, o poder e a tradição deste sistema religioso.

Ao longo de séculos, a cultura portuguesa tem-se fundamentado na tradição católica. A cidade onde nós estávamos é Braga, o centro do Catolicismo Romano num país que antigamente conquistou a terça parte do mundo com a sua religião. Braga é conhecida por todos os portugueses como a "Roma" de Portugal.

A pergunta que assaltou as mentes dos dois pregadores de santidade quando começaram a orar (num santuário ao ar livre que comportava mais de 100.000 adoradores) foi: "Poderá Deus introduzir a mensagem nazarena nesta fortaleza? Poderá o "Vaticano" ser evangelizado?

A confirmação do Espírito Santo nesse dia foi "Sim, sim, sim, e o tempo é agora". O reavivamento que começou em Portugal no tempo da Revolução (1974) estava agora a entrar no centro religioso do país. O trabalho nazareno já tinha prosperado em Coimbra, o centro nacional de educação, em Lisboa, a sede do Governo, e tocado os centros industriais do Porto. Por que não evangelizar a cidade fiel? Parece-me que Deus planeou tudo para esta nova aventura.

Providencialmente os nazarenos entraram em Portugal um ano antes da Revolução, com os missionários pioneiros Dr. e Sra. Mosteller. Na década dos 80 os missionários Duane Srader chegaram e, em breve, sentiram arder no coração o desejo de começar uma obra no norte de Portugal, na cidade do Porto. Em três escassos anos de ministério foi iniciada e totalmente organizada a igreja do Porto. Durante o ministério do Rev. Eduardo Meixieira foi plantada uma segunda igreja em Valongo, a cerca de quinze quilómetros do Porto. Com a ajuda de Deus foi comprado e completamente remodelado um prédio no "Centro Comercial" de Valongo.



Quando a família Runyan chegou ao norte, a Igreja do Nazareno estava em progresso. A igreja do Porto chegará este ano ao nível de auto-sustento. A igreja de Valongo teve cerca de 100 pessoas nas reuniões de evangelismo de verão ao ar livre. A média de assistência à Escola Dominical é de 25 a 30 pessoas. Estamos presentemente a preparar três jovens para o ministério.

Mas o "desafio" mais excitante do nosso ministério foi a descoberta de Braga. Não tenho espaço neste artigo para contar a série de "coincidências divinas" referentes à obra e sonho de Braga, mas Deus já nos deu o primeiro membro da igreja. A sra. Josefina Vale converteu-se na Igreja da Assembleia de Deus em Braga, mas em breve encontrou uma igreja-lar entre o povo nazareno, por intermédio duma filha, em Lisboa. Começou a orar por uma Igreja do Nazareno na cidade da família e onde nascera. O marido de Josefina, Vasco, tornou-se um amigo da igreja; e este amável casal abriu o seu lar para os primeiros estudos bíblicos nazarenos.

A "pequena Roma" foi agora oficialmente invadida pelo movimento evangélico de mais rápido crescimento em Portugal, a Igreja do Nazareno. Já não existe um espírito de inimizade entre católicos e evangélicos, mas parece que a fome espiritual uniu-os na busca de Deus.

Sei uma coisa,—os meus sonhos estão a expandir-se enquanto vejo a mão de Deus em tudo. A minha oração mais fervorosa é por obreiros. Tenho a esperança que as faíscas do avivamento aticem o fogo. O mesmo Deus que deu origem em Portugal a quinze Igrejas do Nazareno em quinze anos, poderá multiplicar esta obra por dez, nos próximos quinze anos.

Quando Braga, o centro religioso do país, responder, quando este monte tremer com o poder e a presença de Deus, quem poderá calcular os resultados? Orem por nós, em Portugal. A seara já está pronta para a ceifa. Orem pelo novo trabalho no Norte, enquanto temos muitas portas abertas. Orem por Braga. "Senhor, dá-nos este monte". □

—DAVID W. RUNYAN

—DUANE E. SRADER
Director da Missão em Portugal

Seu Espírito

Últimos retoques no templo nazareno de Linhó

Muitas pessoas me perguntam: "Por que vai tão bem o trabalho em Portugal e como foi possível plantar tantas igrejas nos últimos cinco anos?" Depois de pensar, creio que podia resumir a resposta a três pontos principais:

Seu Espírito --A presença do Espírito de Deus tem sido evidente diariamente. Nós não usámos estratégia especial para o crescimento. O Espírito de Deus trouxe visão, sonhos e planos a quantos seguem em Portugal a Sua orientação. O Seu Espírito na vida dos fiéis tem-se transmitido às igreja. Quando examinamos o crescimento delas surge apenas uma conclusão: a presença especial do Espírito de Deus.

Espírito pioneiro --Jesus foi um verdadeiro pioneiro chegando a áreas que nós nunca alcançaremos. Um dos factores que tem contribuído para o crescimento da igreja em Portugal é o seu espírito pioneiro. Entrando em novas áreas, mas todos juntos. Sonhando como nunca antes—mas sonhando unidos. Algumas coisas não funcionam bem. Os obreiros põem-nas de parte sem lamentar. Foi tal espírito que levou outrora os portugueses a descobrirem novos mundos. Pensava-se que o mundo era plano, mas mesmo assim foram. Algumas pessoas dizem que isso não pode ser, mas a igreja continua a crescer em Portugal. Na adversidade, contra marés desfavoráveis, a igreja prossegue—no verdadeiro estilo pioneiro. Pastores, missionários e leigos penetram em áreas onde nunca esteve a igreja. Plantam uma nova congregação; começam um novo distrito, sem muita estrutura, mas com todo o espírito—espírito pioneiro! Um espírito pioneiro que nos ajuda a não permanecer no *status quo.* Foi este espírito que dominou Paulo, João Wesley, F. Bresee, Smelzembach, Mosteller e nós. O espírito pioneiro não teme florestas, desertos ou cidades.

Espírito de grupo --Nada demonstra melhor o espírito de grupo que os onze jogadores de futebol, desporto favorito deste país. São profissionais mas a sua actuação depende do espírito do conjunto. Cada um faz bem a sua parte, mas estão interessados no grupo como um todo.

Servindo como Superintendente de Distrito e Director de Missão em Portugal, posso testificar do extraordinário esforço de grupo. O conselho missionário sempre chega a um acordo e o distrito, bem como a igreja nacional, sempre procuram a vontade de Deus.

Que acontece quando se inicia uma nova congregação? As Igrejas do Nazareno de todo o distrito chegam em vários meios de transporte num esforço evangelístico. Sozinhos nada poderíamos fazer, mas unidos a igreja é plantada e cresce até à maturidade. Qual a razão? O espírito de grupo! Deus glorificado! Encorajamento! Irmanados numa aventura. Tem havido ocasiões em que alguns membros foram cedidos a uma nova igreja. Este é o espírito de grupo. Este é o Espírito de Deus! □

A J.N.I. de Portugal

—NATANAEL DUARTE

Foi com viva satisfação que reagi ao pedido que a D. Manuela Barros, directora da secção portuguesa de Publicações Internacionais, me fez no sentido de escrever alguns apontamentos sobre o sector jovem da Igreja do Nazareno de Portugal. Sem que ela soubesse, o pedido fez que me invadisse a mente um feixe de recordações. Em virtude destas se acharem associadas a enriquecedoras experiências humanas, tornaram-se resistentes à borracha do tempo. A facilidade com que irromperam no horizonte da minha mente revela que a relação que ainda mantenho com aquele segmento da igreja portuguesa é fundamentalmente de natureza afectiva. Tal afectividade, embora me impeça de fazer uma leitura imparcial dessa organização, livra-me de olhar para ela de forma fria e desinteressada.

Quando a juventude nazarena de Portugal é vista no seu todo, um dos aspectos que dela facilmente se impõem ao olhar de qualquer observador é o carácter heterogéneo da sua estrutura. Nela, para além de portugueses propriamente ditos, encontramos muitos jovens vindos da antiga África portuguesa, na sua maior parte caboverdianos. Porém, a nível de algumas juventudes locais, esta estrutura heterogénea cede lugar a uma organização mais ou menos homogénea de elementos essencialmente europeus. De qualquer forma, a coexistência de diferentes elementos no seio dessa organização cria excelentes possibilidades de interacção humana de salutares consequências.

Para todo aquele que tem reflectido sobre a juventude nazarena de Portugal não terá sido difícil concluir que, apesar de alguns anos de experiência, ela ainda está numa fase de afirmação em que gradualmente vai assumindo as rédeas do seu próprio destino.

É importante notar que há bem pouco tempo era possível encontrar alguns pastores dirigindo as actividades da juventude. Hoje esta situação é bastante rara, mas isso não significa de modo algum que a juventude tenha já de todo entrado na senda da maturidade. Na verdade ela ainda se encontra confrontada com alguns desafios de cuja superação depende a sua existência futura.

À nova direcção cabe a responsabilidade de criar uma organização viva de estruturas actualizadas que sigam de perto as importantes transformações ocorridas nessa fase da vida conhecida por juventude. Também ela deve ser capaz de oferecer um ambiente espiritual e socialmente salutar onde o jovem tenha a oportunidade de pôr em prática todos os seus talentos e seja levado a pensar que é um elemento importante na vida da organização.

Isto me parece ser de suma importância, se tivermos em conta o facto de que o jovem tende sempre a divorciar-se duma organização com a qual não se identifica. A juventude é período de transição marcado por um desejo de independência que consiste numa gradual libertação da influência familiar e numa maior dependência do círculo de amigos. Observadores atentos aos fenómenos da juventude chamam a nossa atenção para o facto de que os amigos gozam de vantagem sobre a família, no sentido de que o jovem não escolhe os seus familiares, mas selecciona os seus amigos. Assim, pertencerá a determinado grupo enquanto se identificar com ele.

O conhecimento deste factor sociológico e o facto de que

muitos frequentadores dos serviços da juventude se acham expostos a uma forte influência de amigos não crentes, revelam-nos que estamos envolvidos numa competição que não será ganha se ao jovem não forem oferecidas condições que contemplem todas as dimensões da sua vida.

Sei que para muitos esta situação é aparente, porque pensam na juventude cristã como sendo uma organização de carácter espiritual. Raciocinam, então, que todo o jovem verdadeiramente crente tenderá sempre a identificar-se com ela. Isto é verdade. No entanto, convém não esquecer que muitos dos jovens—incluindo eu próprio—que se mantiveram presos a uma determinada organização cristã, de início não o fizeram por razões espirituais. Isto facilmente se compreende quando vemos no homem um ser que, para além de necessidades espirituais, tem outras que podem perfeitamente ser satisfeitas por uma organização cristã onde o elemento espiritual é preponderante.

Outra razão porque a nossa juventude deve melhorar tem a sua existência no facto de ela se achar cercada de outras organizações cristãs que, por serem mais experientes e por oferecerem aos jovens algumas possibilidades de trabalho, têm exercido sobre alguns dos nossos jovens uma certa atracção. Não quero de forma alguma deixar aqui a impressão que devemos competir com outras organizações cristãs. Isto não seria bíblico. O que quero afirmar é que não vejo nenhuma razão especial porque não devemos reter os nossos jovens.

Na sua relação com a igreja o obstáculo que a nova direcção tem de ultrapassar é o de convencê-la da importância da juventude. Este obstáculo não me parece ser de fácil superação, na medida em que a vida espiritual de muitos jovens, em certas ocasiões, em nada tem diferido dos movimentos de um navio no meio de mares agitados. E este carácter oscilatório do comportamento espiritual de muitos jovens leva muitos adultos a verem a juventude com cepticismo, o que muitas vezes os leva a ostentarem uma atitude de indeferença para com tudo aquilo que é promovido pelos jovens. Por este motivo, muitos da classe jovem são de opinião que a juventude seria melhor se da igreja recebesse uma atenção especial. Lamentam, e com muita razão, a ausência de alguns pastores de importantes actividades realizadas pela juventude.

Ninguém duvida que a juventude se sente mais motivada quando recebe estímulos favoráveis da igreja, especialmente dos dirigentes. Contudo, convém observar que toda a ajuda que a juventude recebe não terá efeitos significativos se ela não estiver interessada em ajudar-se a si mesma. Creio que a juventude portuguesa deve conjugar esforços no sentido de ganhar uma estabilidade tal que lhe permita pensar na inversão do problema: em vez de contar com a ajuda da igreja, deve começar a pensar em como ajudar a igreja. Isto se reveste de capital importância quando reflectimos sobre o presente estado da igreja em Portugal, confrontada com uma exigência de expansão que não será realizada a menos que da juventude haja elementos dispostos não só a cooperar com os dirigentes, mas fundamentalmente com a vontade divina. Neste sentido o futuro da igreja de Portugal depende da juventude. Penso que muitos dos dirigentes estão convencidos desta verdade. Ignorá-la equivalerá a uma incapacidade de enxergar para além do imediato. Já é tempo de divorciar-nos de todo o cepticismo e pedir ao Pai do nosso Senhor Jesus Cristo que levante novos Timóteos, jovens capazes de propagar a mensagem d'Aquele que veio buscar o que se havia perdido. □

FÉ ESSENCIAL

Sem fé é impossível
Agradar ao nosso Deus,
Pois quem crer em Jesus Cristo
Deus o leva para os céus.

Temos que crer em Deus
P'ra dizer que somos "crentes"
P'ra que o mundo não nos
chame
Fanáticos ou doentes.

A fé excede o presente
E é neste momento activa
tão real como o fôlego
Ela existe e é bem viva.

A fé nos põe em contacto
Com toda a realidade,
Pois todos somos tentados
E ela nos mostra a verdade.

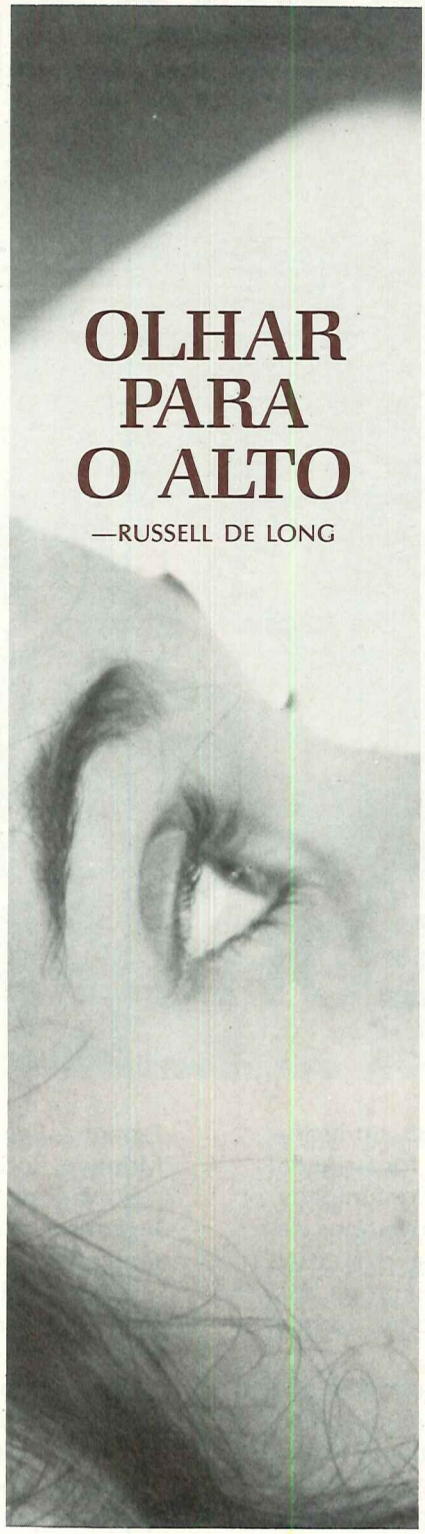
A fé nos faz ter certeza
Das verdades que não vemos,
Pois Deus é real e vivo
E isso nós bem sabemos.

Sabemos porque sentimos
Divinal presença em nós
E por ter essa certeza
Cada dia oro por vós. □

—ISOLDA LOPES
(Jovem nazarena de Portugal)

OLHAR PARA O ALTO

—RUSSELL DE LONG



O que vemos é de grande importância. Oitenta por cento de tudo quanto se aprende vem pela visão. Este sentido oferece ao indivíduo a maioria dos seus estímulos sensoriais. O ouvido, o olfacto, o gosto e o tacto são importantes, porém a vista ultrapassa-os a todos.

Aquilo que a pessoa vê revela o que ela é, e determina o que faz. Podemos olhar para dentro, para fora, para baixo e para cima.

Olhar para dentro é útil para quem quer conhecer-se a si mesmo. Dentro encontram-se os instintos, os apetites, as paixões, os desejos e as emoções. Ao avaliarmos o nosso interior, ficamos muitas vezes perplexos e desanimados. O olhar interior não inspira nem eleva.

O olhar exterior, horizontal, revela pessoas, coisas, organizações, comunidades e países. Vemos então a cobiça, a injustiça, a corrupção, o crime, a guerra, o ciúme, o ódio, a vingança e a crueldade. A visão para o exterior causa muitas vezes angústia e tristeza.

O olhar para baixo aponta sargetas e esgotos da vida. E é nos pântanos que pululam os hóspedes indesejáveis da destruição e os demónios do desespero.

É o olhar para cima, para o alto, que inspira, edifica e gera esperança. Quando você olha, é para baixo ou para cima? Aquilo que vê limita os seus horizontes e é o que tem mais importância.

Olhe para cima e viverá.

Se deseja ser mais forte, procure o poder do alto. Se deseja ser mais rico, busque a riqueza do alto, que está além de si. Se deseja ser justo, levante os olhos para a Fonte de toda a justiça. Se precisa de auxílio, peça-o Àquele que tem poder. Se lhe falta esperança, desvie os olhos das coisas que desesperam e eleve-os às alturas da promessa divina.

Foi este o segredo do Salmista: "Elevo os meus olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra" (Salmo 121:1-2).

O profeta Isaías estava a olhar para baixo quando o rei Uzias morreu. Diante da morte, todos curvamos a cabeça. Mas, no meio da dor, olhou para cima e viu Deus assentado no Seu trono "alto e sublime". O facto de olhar para cima fez também que olhasse para dentro. A santidade de Deus sempre revela o carácter pecaminoso do homem.

O evangelho individual precede o evangelho social. Os israelitas foram salvos olhando para cima. Moisés levantou a serpente no deserto e os que olharam para cima foram salvos.

Olhar para o alto traz perdão dos pecados, purifica o interior e confere poder para a prática da justiça.

Sysvester Horne foi teólogo e membro do Parlamento Inglês. Certo dia, um jovem teólogo perguntou-lhe: "Senhor, qual é a fonte do seu poder?"

Horne respondeu modestamente: "Se tenho algum poder, vem do meu jardim. Convido-o a visitá-lo".

Dias depois, alguém bateu à porta de Horne. Era o jovem ministro que disse: "Venho ver o seu jardim, a sua fonte de poder".

Horne conduziu-o à parte traseira da casa onde havia um pedaço de terra de seis metros de largura por três de comprimento. "Eis o meu jardim, a fonte do meu poder", disse o teólogo.

O jovem olhou surpreendido e desapontado. Finalmente perguntou: "Mas, senhor, é tão pequeno, curto e estreito!" "Sim, concordou Horne, "mas você já observou a altura?"

Todas as pessoas têm jardins—talentos—alguns grandes, outros pequenos. Há quem tenha apenas um talento, dois, cinco ou dez. Deus, porém, iguala todas as coisas. Não importa quão pequeno, estreito e curto seja o nosso jardim, cada um deles tem a mesma altura: todos podem chegar até o trono de Deus "alto e sublime".

Antes de testemunharmos com eficácia *horizontalmente,* experimentemos o contacto *vertical* com Deus. É o olhar para o alto que traz a purificação interior e o poder para o trabalho externo. □

PORTUGAL:

Alfama, Lisboa

QUE EUROPA?

—HERLÂNDER FELIZARDO

Na manhã do dia 12 de Junho de 1985, no histórico Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, foi assinada oficialmente a adesão de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE), depois de nove anos de negociações árduas, complexas e difíceis, completou-se a integração na chamada Europa dos Dez que, com a adesão da Espanha também, ficará a ser a Europa dos Doze.

A imprensa, a rádio e em especial a televisão deram a este acontecimento uma grande dimensão. Por nossa parte, não pudemos evitar um sentimento de vergonha e de enfado cada vez que líamos: "Portugal já está na Europa" ou "Portugal já é Europa" ou ainda "... por fim entrámos na Europa". Que éramos antes? Onde estávamos? Que Europa?

Que panorama religioso apresenta a Europa de 1985? De uma maneira mui elementar e sacrificando a estatística minuciosa a favor dos conceitos gerais, podemos enquadrar os países europeus em três fronteiras ideológicas: a Europa católica, a Europa protestante e a Europa marxista.

A Europa católica inclui Andorra, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Irlanda do Sul, Itália, Luxemburgo, Mónaco, Portugal, São Marino e o Vaticano.

Na Europa protestante estão a Alemanha Federal, Inglaterra, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Irlanda do Norte, Liechtenstein, Noruega, Suécia e Suiça.

A Europa do Leste ou socialista compreende a Albânia, Alemanha Oriental, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Jugoslávia, Polónia, Roménia e Rússia.

Também merecem ser mencionadas a Grécia, de religião ortodoxa, e a Turquia, onde se pratica o Islão.

Trata-se duma divisão convencional, porque há milhões de católicos na Europa protestante; menos protestantes na Europa católica; católicos e protestantes na Europa do leste; socialistas e ateus em todos os países europeus; ortodoxos, islâmicos e judeus na União Soviética e um país—o único em todo o mundo—ateu por decreto constitucional: Albânia.

E Portugal, em qual fronteira se encontra e porquê?!

Nesta orla ocidental da Europa, é bem provável que o apóstolo Paulo tenha estado (Romanos 15:28) em missão evangelizadora. É de crer que a Igreja

Vista de Lisboa

Cristã germinasse nestas províncias do império romano e numa primeira fase, em grande desenvolvimento cristão, segundo declarações posteriores de Tertuliano e Ireneu.

Portugal é nação autónoma pelo tratado de Zamora, de 1143. A nova nação nasce vassala do papa, rei dos reis, porque havia no tempo um direito superior ao direito feudal: era o canónico. Só à custa dum censo anual para o tesouro vaticânico e depois de muita esquiva do papa à exigência de D. Afonso Henriques, é que Alexandre III se decide a sancionar-lhe o título de rei e de reino a Portugal. Era e seria por muito tempo o Portugal Medieval, nascido numa fase da História da Europa mais obscurantista, com marcas que ainda perduram.

Mas nova era na História da Europa Ocidental surgiria nos séculos XIV a XVII, assinalada pelo predomínio da razão—a Renascença—e que resulta numa tremenda revolta contra a autoridade, fosse política ou religiosa, contra a tradição, a superstição ou o preconceito. Estava-se no limiar duma nova idade, duma cultura nova. A difusão do *Humanismo* tinha ganho toda a Europa; do humanismo resultou o *Renascimento,* que em muitos países daria origem à *Reforma.*

Contudo, o rei D. João III decidiu impedir que as ideias da Reforma se instituissem entre nós e que, portanto, os perigos do livre exame abalassem as consciências católicas. Para isso o rei preparou uma máquina para espoliar e queimar luteranos e judeus—*a Inquisição*—conduzindo o País a um isolamento exaltado duma parte considerável da Europa. De facto, a cisão operada pela Reforma entre o Norte e o Sul da Europa—*a Europa rica e pobre de hoje*—foi fatal às relações intelectuais e não só, de Portugal com a Alemanha. A fidelidade ao papa viria a ter um preço que ainda hoje está a ser pago.

As relações de Portugal e a Cúria Romana sempre deram muito que fazer às chancelarias. Nesta nossa terra, nascida em subserviência a Roma, então árbitro dos destinos da Europa, mas crescida em reivindicações constantes, e cujo terceiro soberano morreu excomungado, tomaram-se por vezes atitudes de nobre firmeza que ultrapassaram meras contendas

políticas. Na verdade, bastas vezes as relações foram cortadas com a "Santa Sé": reinados de D. João V (1728), D. José (1765), D. Pedro (1834), entre outros.

De referir que a história de Portugal está repleta de tentativas de reforma religiosa. Umas vezes, apenas simpatia para com os ideais reformadores; outras, ensaios titubeantes e ainda propostas definidas e arrojadas. Senão, vejamos:

Gil Vicente (1465-1536) filia-se na corrente dos portugueses que queriam a igreja reformada mas unida, combatendo a perseguição religiosa. *Damião de Gois* é preso em 1571, depois de ter contacto pessoal com Lutero e conviver com Melancton, por ler livros heréticos, não observar jejuns, chamar tirano ao papa e não fazer caso das indulgências e da confissão auricular. *Camões* (1575) em *Os Lusíadas* faz o libelo condenatório das lutas da religião na Alemanha.

João Ferreira de Almeida (1628-1691) o primeiro pastor português reformado que recebeu "ordens" fora de Roma, é tradutor da Bíblia quase por completo, em Batávia, e que chegou a ser queimado em esfinge em Goa, pela inquisição. *Francisco Xavier de Oliveira* (1702-1783), o célebre "Cavaleiro de Oliveira", depois de uma vida aventurosa se converteu e foi membro da Igreja de Inglaterra, atreve-se a convidar o rei D. José a reformar a Igreja em Portugal (e que viria a ser queimado em estátua pela inquisição, que não conseguira apanhá-lo), avançando assim um largo passo que a política do Marquês de Pombal já provocara.

Em 1782 *Francisco Rolland* publica em Lisboa a sua versão do "Peregrino" de John Bunyan, com algumas omissões para possibilitar a aprovação inquisitorial e eclesiástica. A tradução da Bíblia de *António Pereira de Figueiredo* (1790) viria a ser o elemento primordial da evangelização ou da recristianização da Metrópole portuguesa.

Almeida Garrett (1825) exilado em Inglaterra, escreve a primeira parte do tratado *Portugal no Balanço da Europa,* onde faz a mais bela apologia da Reforma Religiosa do seculo XVI, em português. Garrett, no seu drama famoso do *Frei Luis de Sousa* (1843), contem genialmente o germe duma Reforma Protestante que o futuro celebrará.

Alexandre Herculano (1800-1875), leitor deliciado da Bíblia, aconselha a sua leitura e vitupera as tradições da política de Roma, opostas à moral do Evangelho. Era, sem que o soubesse, um protestante, tendo o sentido da Reforma. Em 1861 morre prematuramente el-rei D. Pedro V, homem ponderado e cheio de intenções que projectam, com o conselho de Herculano, um novo Código Penal respeitador das liberdades pessoais, incluso a religiosa. *Latino Coelho* (1864), que faz no prólogo a "O Gladiador da Ravena" uma eloquente apologia do grande movimento religioso. *Camilo Castelo Branco* publica em "O Judeu" (1866) um dos maiores libelos contra a intolerância religiosa.

Se por detrás de *Lutero* está *Lourenço Vala* e o geral dos agostinhos *Staupitz;* se por detrás de *Calvino* está *Jacques Lefévre;* de *Huss,* os patriotas boémios; de *Wiclef,* os lolardos, também por detrás dos padres reformados de 1870 (Miranda, Melo, Ribeiro, Chaves e Almeida) está a grande figura do corajoso e leal bispo de *Viseu António Alves Martins.* Aqueles chegaram a nutrir esperanças de que D. António os viesse a acompanhar na sua egressão, esperanças que só se desvaneceram quando o viram engolfado nas lutas da política nacional. Mas ainda aí, em 1872, apresenta no Parlamento um projecto de reforma constitucional, que preconiza entre outras medidas, ousadas para o tempo, a liberdade de cultos. Seu projecto, apoiado pelo partido reformista em que militava, foi rejeitado por 52 contra 41 votos, pelo partido histórico.

Antero de Quental (1842-1891), em face da hipocrisia social, considera-se um excomungado que, fora da igreja, fica com Jesus. Começava, entretanto, a desenvolver-se, secretamente, um movimento de missão reformada no Porto e em Gaia, com o aparecimento do periódico *A Reforma* (1876-1892) onde colaboraram metodistas, presbiterianos e episcopalianos. *José Jones* (1848-1928) realiza no Porto suas primeiras imersões em 1888, quando organiza a primeira Igreja Batista Portuguesa.

Mas sabe-se ainda que se pregou em Portugal a Reforma (1550) em língua estrangeira, e sabe-se porque o facto foi denunciado à inquisição. Que no ano de 1562, 30 "huguenotes" foram presos em Lisboa, sendo um deles queimado vivo e os outros fugiram. Que em 1641 foi criada uma Igreja Reformada Holandesa em Lisboa (precursora da actual Igreja Alemã), mas que passou despercebida à maior parte do povo da capital. Que o Governo consentiu o estabelecimento de cemitérios alemão (1761) e britânico (1794). Que o Governo chamou também instrutores militares holandeses, ingleses, alemães, suiços, entre os quais não podia evitar que viessem muitos protestantes reformados. Que em 1838 chegou a Lisboa e depois ao Funchal o médico escocês Roberto *Reid Kalley,* onde realizou uma extraordinária obra social e religiosa reformada.

No tempo das invasões francesas (1807-1810), se a soldadesca vinha com o estigma da rapina e devassidão, entre a sua oficialidade vinha também o espírito novo que, em três séculos, passara dos Reformadores continentais a Latimer e Knox e destes aos colonos da Virgínia e aos Pais Peregrinos da Nova Inglaterra; e ainda destes a Lafayette, no regresso a França. Espírito novo que era afinal o velho e sempre renovado espírito do Evangelho que bafejou os Gersons, os Husses, os Wiclefes, aliando os direitos reclamados por Deus aos privilégios outorgados à alma humana.

Para combater os franceses toma o comando do exército anglo-luso o general Wellesley que viria a redigir um código de comportamento para uso dos soldados protestantes num país católico.

A primeira Constituição Portuguesa (1822), talhada em figurino francês e inspirada por muitos ingleses não era defensora da liberdade religiosa dos portugueses, dado que o catolicismo era a *Religião do Estado,* apenas sendo conferida aos estrangeiros reformados, em seu culto doméstico. Mas em 1855 os protestantes ingleses em Lisboa eram acusados de se aproveitarem da fome do povo para o catequizar. Efectivamente, há documentos onde se infere que havia espionagem exercida junto dessas comunidades. Parece não haver nenhum português conhecido propriamente como cristão reformado dada a imposição feita à consciência individual por uma igreja autoritária, pois que era (e é) ainda uma das mais poderosas potências existentes no País.

Em 1840 Portugal assina a *Concordata* com a "Santa Sé", que seria ratificada em 1860. *A Lei de Separação de 1911,* pedra angular da primeira República, duraria até 1918 com o triunfo do Sidonismo. A Constituição de 1933 do "Estado Novo" continua a declarar a confissão católica como a religião da Nação. Por fim, a actual Constituição da 2ª República, de 1976, declara a "separação entre o Estado e a Igreja"; e sustenta que "ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito, ou isento de qualquer dever em razão de (...) religião, etc." (Art. 13º).

Mantém, todavia, em total contra-senso, a Concordata assinada por Salazar com a "Santa Sé", em 1940. Este Portugal das "Liberdades de Abril" que teima querer ser europeu de facto.

Assim, "os Portugueses que tiveram uma quase-renascença com o Infante Navegador e um quase-império com Afonso de Albuquerque, tiveram Quase-Reforma com Gil Vicente e, mais tarde, um Quase-Velho-Catolicismo com Herculano. As ondas rolando pela praia ocidental europeia, chegavam quebradas na sua força inicial."

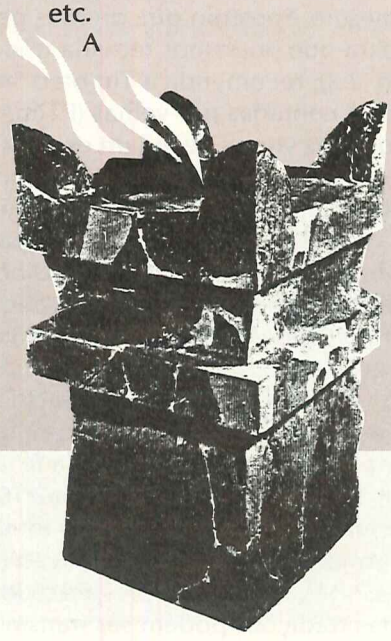
"Se Portugal quer ser um País moderno tem de renunciar aos proteccionismos religiosos da Idade Média, que ainda por cá subsistem. Se quer ser um País europeu tem que pensar que a Europa com que se quer identificar, e de que busca ajuda, não é uma Europa católica romana. Hoje nem o governo italiano é subserviente da Santa Sé!"

O sino é o "arauto do sermão". Por toda a Europa ele se faz ouvir para chamar o fiel à igreja ou para lhe lembrar a prece e o louvor a Deus. D. João III, em 1529, numa remessa de cobre encomendada à Holanda e retida pelos reformados, viria mais tarde a ser indemnizado com sinos fundidos por luteranos. Há, portanto, em Portugal, sinos reformados numa espera "sebastianista". □ (De: *O Semeador Batista*)

TRADIÇÕES

—EUDO T. DE ALMEIDA

Na minha terra,
era frequente esta desculpa para
não se aceitar a Cristo:
"Não posso deixar a
tradição de meus pais".
Um sacerdote disse certa
vez que seus paroquianos
eram fiéis no dia do batismo, no
casamento e na morte. Há exagero no
reparo, mas se acrescentarmos
dias de festas, nós
que uma vez também
seguimos tal tradição, temos
que reconhecer que ela
em nada afectava o nosso
carácter; a não ser em
alguns casos, entre pessoas
sinceras que aliavam alguma
piedade, especialmente através
de boas obras, à sua profissão de fé
ligada a algum santo de devoção.
Tive tempo suficiente
de ver pessoas que levaram
vidas pecaminosas
transformarem-se,
com a idade, em
"gente piedosa";
e passaram
a abençoar
crianças
com "Nossa
Senhora te
abençoe",
etc.
A



tradição dos pais é algo frequentemente misturado com idolatria, superstição, medalhas, raminhos de palmeira, benzimentos, bailes, cachaça, adultério, brigas, etc.

Haverá alguma tradição válida? O Cristianismo tem uma! Haverá outras? Sim, há muitas, variadas, estranhas, sangrentas por vezes e pseudo-cristãs. Por exemplo, no tempo da apostasia de Israel havia o costume, que passava de geração a geração, de subir montes para adorar "nos altos"; os samaritanos nos dias de Jesus tinham o seu monte (João 4:20, II Reis 12:3); os japoneses observam várias tradições e uma delas é de tocar tambor para os mortos; os hindus, a de lavar os corpos no rio Ganges, considerado sagrado; alguns asiáticos, têm altar de ancestrais para oração e queima de incenso; outros, até para se casarem de novo, oram durante um mês a uma foto da falecida, pedindo-lhe licença! Uma oração que os asiáticos fazem nesse caso é dizer com humildade: Sabes, eu preciso de alguém para cozinhar, para consertar minhas meias, etc. Omitem, entretanto, a intimidade física do casamento.

Há tradição que é fruto de lendas e há as que são de valor espiritual. Na questão de uso de imagens, o actual Papa realça o valor delas "para estimular a piedade"; valor que os cristãos orientais fervorosamente reconhecem aos seus icones. Apoiam-se muitos no discurso do papa Gregório Magno que aconselhava o uso de imagens, pois "ajudava os analfabetos". A Bíblia diz claramente que a fé vem pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus (Rom. 10:17). Se a ordem de Jesus fosse seguida por todos, a pregação do Evangelho ajudaria os analfabetos. De onde receberam os orientais tal tradição para estimular à piedade? O propósito é nobre e abundam nos escritos de Paulo referências à piedade.

Pede este mesmo Apóstolo que oremos pelas autoridades para que possamos ter vida tranquila e piedosa (I Tim. 2:2); recomenda a Timóteo "rejeitar lendas profanas" contadas por velhas (I Tim. 4:7); ele diz que as mulheres viúvas deveriam exercer piedade para com os seus, ou seja, tratar com carinho os familiares (5:4); finalmente, diz que aquele que prega doutrina que não se conforma com as sãs palavras do nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino baseado na piedade "é soberbo e nada sabe" (6:3-4).

A verdadeira piedade, segundo a tradição paulina, é ter "um coração puro, uma boa consciência e uma fé não fingida" (I Tim. 1:5). Lutero deu início a uma tradição que é seguida pelos evangélicos e se fundamenta na Bíblia—"justificação pela fé" (Romanos 5:1; 1:16; Efésios 28,9; Gálatas 2:16). Wesley acrescentou a esta tradição algo muito importante—Amor Perfeito ou Santificação (Atos 26:18; I João 4:7-17). Através da pregação do Evangelho estas tradições podem ser transmitidas oralmente e sustentadas pela Bíblia—não por meros costumes orientais.

O apóstolo João diz que "há muitas outras coisas que Jesus fez" e não foram escritas (João 20:25); mas isso não nos permite acrescentar fábulas ou lendas ao que já está escrito para nosso ensino (Romanos 15:4). Se lermos a vida de Abraão nada encontraremos nela que nos inspire piedade pessoal causada por uma imagem de escultura. Abraão praticou a "tradição" de levantar um altar de adoração, embora nele nunca existisse um ídolo.

O apóstolo Pedro condena a tradição mercantilista que vinha de longe e chegou até nós (I Pedro 1:18). A Igreja Primitiva avançava, mas cheia de problemas: por dentro havia os tradicionalistas e por fora os perseguidores. Alguns queriam a circuncisão, como básica à salvação, mas Paulo insistia que a verdadeira circuncisão não é da carne (Filip. 3:3). Mas ele mesmo, para agradar a alguns, teria originado alguma confusão. Nem sempre será bom "ser fraco com fracos".

Eu vivi no meio de muita religiosidade tradicional. Meus avós tinham uma igreja na qual abundavam, em nichos, imagens de escultura a que acendiam velas. Meus familiares foram morrendo e o edifício desapareceu sob o pó dos tempos. Triste sorte para uma tradição vazia! Nada encontro nela que motivasse a uma piedade vital. Foi só aos 23 anos que, sem orações aos mortos, rosários ou água benta, sem intermediários, superstição ou dinheiro, encontrei nova vida em Cristo (II Coríntios 5:17).

O apóstolo Paulo legou-nos muitas recomendações valiosas:

—Não dar ouvidos a espíritos enganadores e a doutrina de demónios (I Tim. 4:1-3).

—Ter cuidado com a doutrina (4:16). Que doutrina? Aquela que engloba a justificação pela fé (Romanos 5:1) e a purificação, também pela fé (At. 15:9).

—Viver santo (4:12). Este viver é uma herança para ser usada no dia a dia, não somente uma condição para o Céu, mas imprescindível para a Terra—*Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal* (João 17:15-17).

Paulo e Pedro falam de tradições e não de contradições; nada que pudesse ir contra o que estava escrito para nosso ensino e que se mostrava suficiente para nos orientar a ser "irrepreensíveis e sinceros filhos de Deus, inculpáveis no meio duma geração corrupta e perversa" (Filip. 2:15). Paulo esclarece que é Deus que "opera em nós", tanto o querer como o efectuar.

Todos seguem uma tradição ou outra mas, na questão do destino da nossa alma, é bom que estejamos certos da que seguimos. Asseguremo-nos de que ela é confirmada pelo que vem escrito na Palavra Sagrada (Apocal. 22:18,19). □

Neblina Eclesiástica

—JOHN W. HALL

Há muitas igrejas que não crescem! E quantas nunca fazem grande impacto na sua comunidade! Além disso, algumas, depois de várias décadas, continuam ignoradas! Efectivamente, são igrejas perdidas.

Há anos cheguei a determinada cidade e alguns irmãos na fé informaram-me que a igreja não conseguia crescer nesse lugar. "É muito difícil", declararam. "As pessoas são muito tradicionalistas". E parece ser verdade, pois tem havido pouco crescimento. No entanto, depois duma pesquisa verifiquei que algumas igrejas dessa comunidade estavam a crescer. Depois de doze anos ou menos, algumas tinham ganho centenas de pessoas e uma, vários milhares!

Surgiu-me então a pergunta: "Por que é que umas igrejas crescem e outras não? Por que umas acham a tarefa tão difícil—impossível—e outras quase não notam ser difícil e muito menos impossível?"

Nos últimos anos alguns líderes têm-se dedicado ao estudo do crescimento nas igrejas. Há normas indispensáveis para o crescimento da igreja e, também, factores que o impedem.

Antes de mais nada, devemos reconhecer as barreiras e derrubá-las para que o ministério da igreja seja frutífero. Com a *neblina eclesiástica* de que vamos falar mais em pormenor, há outros conceitos que dificultam o propósito de Deus: a salvação de todos os homens.

Estas barreiras têm recebido os seguintes nomes: *pesadelo teológico,* por deturpar o significado bíblico da missão da igreja; *cegueira sócio-cultural,* por ignorar os factores sociais: classes, grupos étnicos, conflitos, mudanças e elementos culturais; *frouxidão espiritual,* relacionada com o processo de secularização das igrejas ao ponto de manietar o poder de Deus; *desorientação metodológica,* quanto à falta de compreensão e de aplicação dos princípios de estratégia e metodologia adequadas à tarefa da igreja.

Nas grandes cidades, sobretudo, há um fenómeno de contaminação—uma neblina cheia de partículas sólidas, gases e outros elementos impuros e prejudiciais à saúde. É precisamente o que queremos significar com *neblina eclesiástica.* Partículas nocivas se introduziram no ar da igreja a ponto de ficar obscurecida a sua missão. A neblina pode ser mesmo fatal.

1. *Ocupados na obra.* Esta frase descreve a

inclinação do homem em ocupar-se na "obra", embora não seja essa precisamente a sua tarefa. Quantas vezes gasto o tempo em organizar o escritório, em ler e rever os apontamentos e, em geral, "ocupado" antes de me sentar à mesa para fazer o que me corresponde. O mesmo acontece a pastores, leigos, missionários e outros que conseguem manter-se ocupados na "obra", mesmo que ela não se relacione directamente com os alvos estabelecidos por Deus para a Sua Igreja e engrandecimento do Reino. É muito mais fácil trabalhar com máquinas do que com o que elas fabricam. Podemos pôr-lhes óleo, polir, embelezar e, finalmente, colocá-las em lugar de destaque de acordo com a sua finalidade e alta tecnologia, sem olhar á produção que, ao fim e ao cabo, é o que mais importa.

E há muitas maneiras de trabalhar na igreja! Existem programas, mensagens, boletins, cartas, publicidade, comités, reuniões e muitas outras actividades. Porém, se não estamos a fazer discípulos e se as igrejas não crescem, então o resto é inútil: perdemos a visão! Ficamos perdidos no meio da neblina eclesiástica.

Devagar, mas seguros. A obra do Senhor deve ser feita pouco a pouco, mas com firmeza. Alguns crêem que a velocidade equivale a descuido e a lentidão a qualidade. Que diremos, então, do trabalho dos apóstolos depois do Pentecostes? E da obra de Jesus, segundo o Evangelho de Marcos? Alguns pensam que se corremos muito ou investimos demasiado na obra, o Senhor ficará atrás.

Farol ardente. É a posição teológica que defende a passividade evangelística. "Basta estar presente na comunidade, ter um bom testemunho, ser um farol. Os náufragos acabarão por buscar a luz da igreja, pois o Senhor deseja salvá-los e os conduzirá à nossa porta", dizem os defensores de tal teologia.

No entanto, ao lermos na Bíblia as manifestações do amor redentor, não podemos descansar com uma ênfase tão perigosa. Cristo "veio buscar e salvar o que se tinha perdida". Também a grande comissão diz: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (Mateus 28:19). Trata-se de busca activa, até encontrar.

Somos poucos, mas fiéis. A raiz desta declaração já vem do tempo do profeta Elias que considerava Israel como o único povo fiel a Jeová.

Vivemos num mundo tão indiferente—e por vezes hostil—ao evangelho que somos tentados a considerar os poucos que integram a igreja local como os escolhidos por Deus. É uma neblina que coloca a igreja na defensiva e leva a clamar: "Temos de perseverar!" Cria-se, por vezes, o complexo de perseguição e afastamento do mundo, sem haver amor ao pecador caído.

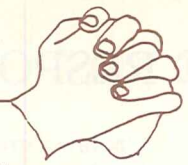
Qualidade, não quantidade. Esta é uma posição semelhante à anterior. Os que defendem a qualidade sem olhar à quantidade fazem-no como se elas fossem contraditórias.

Parece-me ouvi-los comentar no Pentecostes a conversão das três mil pessoas: "Olhem para esses novos cristãos: pura emoção! Queremos poucos na igreja, os fiéis, não multidões. Se Jesus estivesse presente não os teria recebido tão facilmente. Os apóstolos estão a preocupar-se demasiado com números!"

Torna-se conveniente rejeitar "estatísticas" quando tememos a realidade dos números. Precisamos maior compromisso, mais amor e verdadeira obediência ao Senhor que nos chamou para espalharmos o Seu Evangelho e nos envolvermos na Sua tarefa: a salvação de almas.

O problema da neblina eclesiástica está ligado aos alvos. Qual é realmente o propósito de tudo o que fazemos? Estamos a conseguir que almas se salvem? É assunto de prioridade ou perspectiva. Devemos estar convencidos que Deus quer e pode salvar todas as pessoas que O buscam; e que nos atribuiu a nós a tarefa de as encaminhar para Ele.

Se você deseja que a sua igreja cresça e cumpra os propósitos de Deus, acautele-se da neblina eclesiástica! O tom piedoso não nos deixa reconhecer as partículas que envenenam e impedem que a luz de Cristo oriente a nossa obra e ministério na igreja. □



PÁGINA DEVOCIONAL

—MANUELA C. DE BARROS

INFORMAÇÃO VÁLIDA

Em todas os lares há temas proibidos à hora das refeições. Vão desde doenças a ocorrências desagradáveis. Teme-se que a menção delas traga desconforto, náusea ou perda de apetite. A reacção dum adolescente proibido de continuar uma conversa à hora de comer foi: "Quando é que posso falar disto?"

Temas incómodos recebem espaço e tempo limitados. Sentimo-nos mais inclinados a fugir do que a nos abeirar deles. Só parecem atrair os que suspeitam nelas algum lucro material. Quando uma fábrica de fertilizantes na Índia sofreu acidente, libertou-se dela gás mortífero que vitimou milhares de pessoas. Advogados estrangeiros de nome voaram logo para o país. Tinham esperança de conseguir "uma fatia do bolo", o lucro garantido por acção legal movida a companhia considerada riquíssima.

Sim, causas rendosas encontram sempre advogados, por mais injustas ou bizarras que sejam. É quando o pobre luta no anonimato da sua miséria que rareiam vozes levantadas a seu favor. Os tribunais tentam remediar a situação com os chamados "defensores oficiosos", profissionais mais ou menos competentes recrutados para prover uma defesa algumas vezes relutante.

O problema é tão antigo como o nosso mundo. Numa das leituras bíblicas deste mês, o texto observa: "Informa-se o justo da causa dos pobres" (Provérbios 29:7).

Causa impopular e incómoda, apressamo-nos a admitir. Também, onerosa. Custa oferecer pão, vestuário, educação, abrigo, assistência religiosa e médica, recreio ou qualquer outro serviço a pessoas destituídas de bens e recursos. Enerva-nos até que algumas delas se mostrem indiferentes e, por vezes, ingratas quanto a favores recebidos.

Entretanto, a chamada de Deus não é para galardoarmos os que julguemos "merecedores" ou "agradecidos", mas para servir a necessitados, quaisquer que sejam eles ou o grau de apreço que demonstrem pela ajuda recebida.

Informaram os Serviços de Compaixão na Sede Internacional da Igreja do Nazareno que os telefones tocaram sem parar nos dias seguintes ao terremoto que devastou cidades e vilas da Arménia (U.R.S.S.). Nazarenos de toda a parte queriam saber como ajudar. A dor dos sinistrados era geograficamente remota, mas pulsava firme no coração compassivo do nosso povo: "Informa-se o justo da causa dos pobres".

A oração do fiel é inteligente, informada e específica. Revela a diligência de conhecer uma necessidade, para articulá-la em súplica a Deus e na disposição de nos oferecermos como Seus instrumentos no processo de prestar socorro válido.

ORE*

1. A favor dum centro de evangelismo e treinamento.
2. A favor do Superintendente Distrital, Rev. Gabriel do Rosário.
3. Pelo novo trabalho em Braga.
4. Por orientação do Espírito a favor dum novo distrito em Portugal.
5. Que muitos jovens possam responder a uma chamada ao ministério.

*Os pedidos de oração do mês foram apresentados pelo Director de Missão em Portugal.

LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS

1	Provérbios 1—3
2	Provérbios 4—7
3	Provérbios 8—11
4	Provérbios 12—14
5	Provérbios 15—18
6	Provérbios 19—21
7	Provérbios 22—24
8	Provérbios 25—28
9	Provérbios 29—31
10	Eclesiastes 1—3
11	Eclesiastes 4—6
12	Eclesiastes 7—9
13	Eclesiastes 10—12
14	Cantares de Salomão 1—4
15	Cantares de Salomão 5—8
16	I Reis 5—7
17	I Reis 8—10
18	I Reis 11—13
19	I Reis 14—16
20	I Reis 17—19
21	I Reis 20—22
22	II Reis 1—3
23	II Reis 4—6
24	II Reis 7—10
25	II Reis 11—14:20
26	Joel 1—3
27	II Reis 14:21-25 Jonas 1—3
28	II Reis 14:26-29 Amós 1—3
29	Amós 4—6
30	Amós 7—9

VERSÍCULO BÍBLICO

"O que dá ao pobre não terá necessidade"

(Provérbios 28:27).

PERGUNTAS E RESPOSTAS

✓ Que é um diácono? Várias passagens bíblicas falam dos deveres de presbíteros (ou bispos), mas nada acerca das atribuições de diáconos. Ouço pessoas referirem-se aos sete escolhidos como diáconos em Actos 6, mas o termo não é usado em qualquer outra passagem. Sei de mulheres que servem como diaconisas. Haverá algum livro com informação sobre diáconos e, especificamente, sobre as suas funções no tempo do Novo Testamento?

A palavra grega para diácono é *diakonos,* e para serviço é *diakonia.* No sentido mais amplo, diácono significa servo, e o Novo Testamento usa-o em sentido geral.

O título é dado a Cristo em Romanos 15:8. A Sua missão terrena é descrita em Marcos 10:43-45 como um serviço *(diakonia).*

O ministério dos Doze também é designado pelo mesmo termo em Actos 1:17. Em II Coríntios 6:4, Paulo usa *diakonos* para descrever, de forma geral, os ministros do Evangelho. Aplica o título a vários de seus assistentes—Timóteo, Tíquico e Epafras são exemplos disso (I Tessalonicenses 3:2; Efésios 6:21; Colossenses 1:7).

Jesus usou a palavra para indicar servos de rei (Mateus 22:13); e Paulo para designar autoridades políticas (Romanos 13:4).

Entre os usos comuns de *diakonos* figurava o de "criado de mesa". Um exemplo disso encontra-se nas palavras de Marta a Jesus, em Lucas 10:40.

Este uso do termo será a razão por que muitos estudiosos da Bíblia consideram os Sete como diáconos. Foram escolhidos especificamente para orientar a distribuição da comida. Embora em Actos 6 não sejam chamados diáconos, nas frases "na distribuição diária" e "sirvamos às mesas" (vs. 1-2) empregam-se formas de *diakonia.*

Os diáconos a que Paulo se dirige rapidamente em Filipenses 1:1, exercem funções semelhantes aos seus deveres, pois a epístola é, entre outras coisas, de agradecimento pelas dádivas recebidas dessa igreja, incluindo provavelmente tanto comida como dinheiro. Desta saudação concluimos que os bispos (com funções de superintendência) e os diáconos trabalhavam juntos.

Quanto a Timóteo 3:8-13, embora a passagem descreva as qualificações morais e não as funções específicas dos diáconos, o carácter das exigências apontadas, à luz dos usos noutras partes de *diakonos* e *diakonia,* daria forte apoio àqueles que consideram os diáconos como assistentes administrativos dos bispos, encarregados especialmente de cuidar dos pobres e da distribuição de fundos.

Uma das melhores declarações sobre o assunto é a de E. K. Simpson no seu comentário sobre as Epístolas Pastorais: "O diácono era o esmoler da igreja na distribuição de dádivas ao pobre, achando-se associado com os métodos e meios da sua manutenção material".

Dos escritos do Novo Testamento não podemos concluir dogmaticamente uma ordem de diáconos como ministros ordenados da Igreja Primitiva. Entretanto, esta ordem brotou e se expandiu rapidamente, crendo muitos que as suas raízes são solidamente bíblicas.

✓ Depois de Caim e Abel terem crescido, tiveram filhos? Se tiveram, quem foram as suas esposas? Há anos que o assunto me intriga, pois, a meu ver, Eva era a única mulher.

Bem, caro amigo, você não fez pesquisa suficiente. Génesis 5:4 diz que Adão "gerou filhos e filhas". Com certeza, Eva foi a mãe.

No princípio irmãos e irmãs tornaram-se maridos e esposas, pois não havia outras opções. Mais tarde primos casaram-se com primas e, em breve, afastaram-se tanto, graças à multiplicação, que não se conheceram mais como primos.

A proibição contra tais casamentos veio mais tarde, quando a população aumentou e a raça caída se deteriorou tanto pelos efeitos do pecado, que os casamentos entre parentes próximos não eram necessários nem aconselháveis.

A esposa de Caim é mencionada em Génesis 4:17. Se Abel se casou e foi pai antes de ser morto, não o sabemos.

Sempre que o amigo leia os primeiros capítulos de Génesis, tenha em mente que há neles poucos detalhes específicos e que, também, mostram imensas lacunas no tempo e nos registos concernentes à vida humana. □

BASES SÓLIDAS

"Sem perda de tempo, demos mais um passo importante na visão evangelizadora da 6ª Região Administrativa do Estado de São Paulo—para nós denominada "DISTRITO NORDESTE PAULISTA" do Brasil.

Deus está realmente interessado em que fortifiquemos as nossas bases nestas terras. Em tão pouco tempo, Ele já nos deu pessoas com desejo de propagar o evangelho pleno de Jesus Cristo.

A sete de Setembro de 1988, nascia o nosso "IBIN"—Instituto Bíblico Narazero/Nordeste Paulista. Treze alunos chegaram, sendo seis devidamente matriculados e sete, temerosos ainda com a grande responsabilidade, optaram, inicialmente, por ser ouvintes neste primeiro semestre.

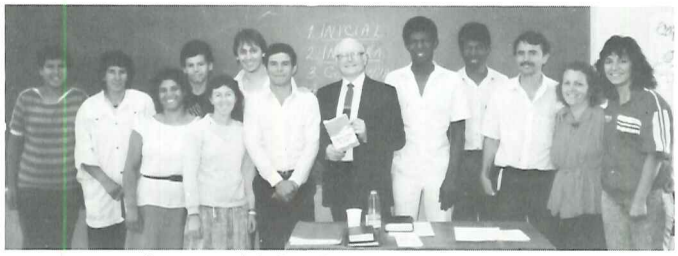
A Diretoria do Colégio Estadual "Dom Alberto Gonçalves" cedeu-nos gentilmente uma ampla e bem equipada sala, onde funcionaremos provisoriamente. Sonhamos, é claro, com instalações próprias, a fim de que seja possível a criação de uma biblioteca e demais condições que ofereçam aos alunos todos os meios necessários a uma boa preparação académica e espiritual.

A aula inaugural foi proferida pelo Reitor do nosso Seminário em Campinas, Dr. J. Elton Wood que, a seguir, leccionou intensivamente oito aulas. Estamos gozando, neste começo de tudo, de uma alvorada fulgurante e desafiadora!

Continuem orando pelo novo Distrito. Realizaremos o nosso primeiro culto de batismo na primeira semana de Outubro, data em que organizaremos as duas primeiras igrejas."

—JOAQUIM LIMA
Superintendente do Distrito

Parte da classe presente à aula inaugural do Instituto Bíblico Nazareno do Nordeste Paulista, Brasil.



Aula inaugural dada pelo Dr. Elton Wood *(centro)*. O tema foi "Doutrina de Santidade".

HOMENAGEM A PIONEIROS

Após 44 anos de envolvimento na causa missionária da Igreja do Nazareno, aposentaram-se os obreiros Earl e Gladys Mosteller (Dez. 1988).

Nomeados em 1944 para as Ilhas de Cabo Verde, labutaram no Arquipélago de 1946 a 1958. Durante este período de tempo deram início a duas instituições de vulto: o Seminário Nazareno de Cabo Verde e a Editora Nazarena. Construíram também edifícios estrategicamente colocados e de arquitectura sólida e funcional, para templos, residências e instalações gráficas. Os primeiros graduados do Seminário possibilitaram a expansão do trabalho a todas as ilhas de Cabo Verde.

Em 1958 e integrado no programa da celebração das Bodas de Ouro da Igreja do Nazareno, decidiu-se começar o trabalho no Brasil. Os Mostellers receberam a honra e a responsabilidade deste esforço pioneiro. Desempenharam-no com visão e competência características. Na América do Sul dariam também ênfase à educação e à literatura, com o estabelecimento no Brasil dum Seminário e duma Editora Nazarena. O trabalho cresceu, tornando-se num dos mais inspiradores da nossa Igreja.

De novo, o Dr. e a Sra. Mosteller se viram chamados a começar outro trabalho. Agora, Portugal. Chegados a Lisboa em Setembro de 1973, dedicaram-se à missão de reunir e identificar nazarenos já residentes no País, dar publicidade à Igreja, iniciar cultos regulares, tomar os passos legais para a oficialização do trabalho, recrutar e instalar obreiros em congregações nascentes. Escassos anos depois, o trabalho em Portugal é hoje considerado o de mais rápido crescimento no panorama evangélico do País.

Surgiu, entretanto, o plano de estabelecer a Igreja nos Açores. Uma vez mais, a Sede da denominação decidiu recrutar os Serviços do extraordinário casal Mosteller para outra iniciativa exigente. Chegaram aos Açores em 1984. Passo a passo, ilha a ilha, lançaram pontes de comunicação e estabeleceram igrejas.

Na Assembleia Distrital de 1988, nazarenos reunidos em Lisboa prestaram merecida homenagem ao Dr. e à Sra. Mosteller. Contudo, só a eternidade revelará a dimensão total e galardoará o ministério exercido por estes obreiros dotados de competência, visão e dinamismo invulgares. Bem hajam! □

Dr. Earl Mosteller

D. Gladys Mosteller

SECOND-CLASS POSTAGE PAID AT KANSAS CITY, MISSOURI—JULY, 1989